



# ROUČKA FIAK

KAFKA EM MOVIMENTO

**ROUČKA**KAFKA  
KAFKA EM MOVIMENTO

**ROUČKA**KAFKA  
KAFKA EM MOVIMENTO

## TABLE OF CONTENTS

## SUMÁRIO



<b>Dialogues of sensitivity: the connection between Roučka and Kafka</b>	<b>10</b>
<b>Pavel Roučka: an artist and his window into time</b>	<b>17</b>
<b>Et Kafka, etc. / And Kafka, etc.</b>	<b>20/25</b>
<b>Kafka's fables, Roučka's paintings</b>	<b>30</b>
<b>Modernity and symbiosis between two worlds</b>	<b>38</b>
<b>Brazil and the Czech Republic: art as a bridge between cultures</b>	<b>41</b>
<b>Exhibition works</b>	<b>42</b>
<b>Works index</b>	<b>114</b>
<b>Credits and Special thanks</b>	<b>120</b>

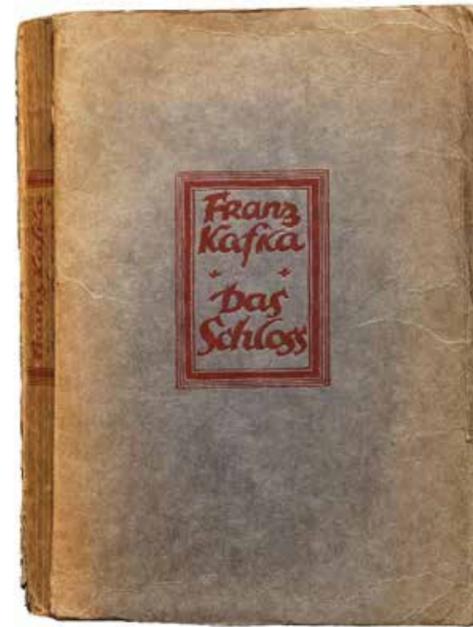
<b>Diálogos de sensibilidade: a conexão entre Roučka e Kafka</b>	<b>8</b>
<b>Pavel Roučka: um artista e sua janela no tempo</b>	<b>13</b>
<b>E Kafka, etc.</b>	<b>24</b>
<b>As fábulas de Kafka, as pinturas de Roučka</b>	<b>26</b>
<b>Modernidade e simbiose entre dois mundos</b>	<b>34</b>
<b>Brasil e Tchécua: a arte como ponte</b>	<b>37</b>
<b>Obras da exposição</b>	<b>42</b>
<b>Índice das obras</b>	<b>114</b>
<b>Ficha técnica e Agradecimentos</b>	<b>120</b>

## DIÁLOGOS DE SENSIBILIDADE: A CONEXÃO ENTRE ROUČKA E KAFKA

É com satisfação que compartilhamos os bastidores e desafios da criação da exposição *Roučka - Kafka em Movimento*, apresentada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em Brasília. Essa experiência artística singular nasceu da confluência entre Pavel Roučka e a literatura atemporal de Franz Kafka, com o apoio fundamental da Embaixada da República Tcheca.

Trabalhar com cultura no Brasil é, por si só, desafiador. Integrar as linguagens da literatura e das artes plásticas, representadas por dois renomados artistas internacionais, eleva essa realização a outro patamar. Aceitamos o convite da Embaixada com entusiasmo, movidos pela convicção de que culturas distintas se complementam e se enriquecem mutuamente.

Desde o início, ficou claro que homenagear duas figuras tchecas de tamanha relevância exigiria atenção minuciosa. A proposta de unir as obras de Roučka e Kafka nasceu da percepção de que ambas dialogam com profundidade sobre questões existenciais humanas. A força expressiva das pinturas de Roučka encontra eco nas palavras de Kafka, criando uma interseção que transpassa os possíveis limites entre artes visuais e literatura. Nosso desafio foi traduzir essa conexão em uma narrativa expositiva envolvente e reflexiva.



Edição alemã do livro *O castelo*, de Franz Kafka, Munique, 1926

Composta de 44 obras, entre pinturas em grande formato, litogravuras, vídeos e materiais literários, a exposição conecta o público ao universo kafkiano reinterpretado pela singularidade de Roučka. Versátil e original, Roučka combina elementos clássicos e contemporâneos, transformando emoções em composições visuais. Kafka, por sua vez, com narrativas profundas e provocativas, desafia o pensamento, desconstruindo verdades, abrindo espaço para interpretações subjetivas. Cada escolha curatorial teve como objetivo capturar a essência desses artistas e oferecer uma experiência diferenciada aos visitantes.

Para Roučka, Kafka é um eco constante, e seu “voar ao redor da verdade” (como o define o escritor) ressoa em cada nova tentativa criativa

Roučka compartilha uma identificação pessoal com o personagem K., do livro *O castelo*, escrito por Kafka. E relembra: “eu – um estudante de agrimensura não muito entusiasmado, que passava o tempo rabiscando embaixo da carteira – imediatamente me identifiquei com o personagem agrimensor K., que também não demonstrava muita pressa para começar a trabalhar no castelo”. Essa conexão inspirou uma série de pinturas monumentais, incluindo “Castelo”, exibida em museus da Alemanha e dos Estados Unidos. Para Roučka, Kafka é um eco constante, e seu “voar ao redor da verdade” (como o define o escritor) ressoa em cada nova tentativa criativa. Ao reinterpretar o universo literário de Kafka, Roučka torna suas histórias acessíveis, permitindo que novos públicos descubram o escritor por meio da arte visual.

Outro grande desafio foi a coordenação entre as equipes envolvidas – curadores, produtores e parceiros locais. A montagem cenográfica respeitou a complexidade das obras de Roučka, com referências ao expressionismo abstrato, e integrou os textos de Kafka de forma visualmente harmônica. A iluminação, o design sonoro e os materiais de comunicação foram pensados para criar uma atmosfera introspectiva, que convidasse à contemplação e à reflexão.

A exposição comemora as relações culturais entre a República Tcheca e o Brasil, promovendo o diálogo intercultural com o apoio do CCBB e o patrocínio da CBC. Voltada para um público diverso, de amantes da literatura a entusiastas da arte contemporânea, a mostra desperta discussões sobre o impacto da palavra e da imagem na construção da identidade cultural.

*Roučka - Kafka em Movimento* reafirma nosso compromisso com a cultura e a educação como pilares fundamentais para uma sociedade mais plural, consciente e voltada para o bem coletivo. Busca-se promover aprendizados, conectando ideias a experiências que gerem impacto social positivo e estimulem o diálogo entre diferentes linguagens artísticas.

Que este catálogo seja mais que um registro da exposição. Que ele inspire novas trocas, provoque reflexões e perpetue o poder transformador da arte na construção de um futuro mais humano e significativo. ■

**Clóvis Arruda**  
**Margarete Regina Chiarella**

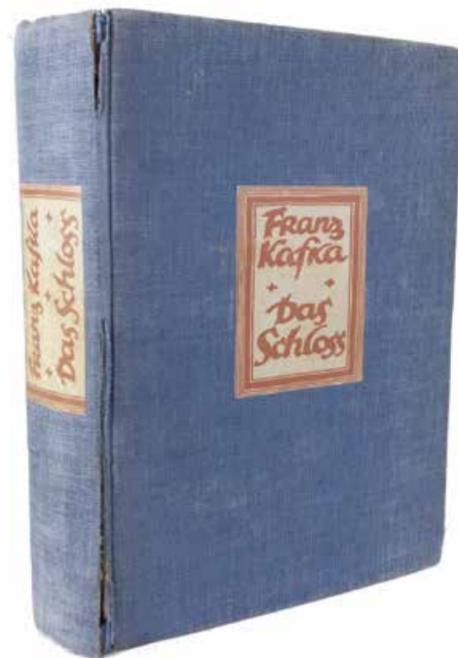
Coordenação Geral

## DIALOGUES OF SENSITIVITY: THE CONNECTION BETWEEN ROUČKA AND KAFKA

We are happy to share the behind-the-scenes processes and challenges involved in putting together the exhibition **Roučka – Kafka In Motion** (Roučka – Kafka em Movimento), hosted by Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), in Brasília. This unique artistic collaboration, born from the synergy between Pavel Roučka's work and the timeless literature of Franz Kafka, was made possible thanks to the invaluable support of the Embassy of the Czech Republic.

Working in Brazil's cultural sector is a challenge on its own. Bringing together the worlds of literature and visual arts, represented by two renowned international artists, elevates this accomplishment to an entirely new level. We eagerly embraced the Embassy's invitation, fueled by the belief that distinct cultures complement and enrich one another in profound ways.

From the very beginning, it was clear that celebrating two such significant Czech figures would demand careful attention. The idea of merging the works of Roučka and Kafka arose from the insight that both engage in a deep dialogue on existential human questions. Roučka's powerful, expressive paintings resonate with Kafka's works, creating a space in which the boundaries of visual arts and literature transcend. Our challenge was to bring



German edition of the book **The castle**, by Franz Kafka, Munich, 1926

this connection to life through an exhibition narrative that is both engaging and thought-provoking.

Featuring 44 works – including large-format paintings, lithographs, videos, and literary materials – the exhibition invites the audience into Kafka's universe as reimagined through Roučka's unique lens. Versatile and original, Roučka seamlessly blends classical and contemporary elements, transforming emotions into impactful visual compositions. Kafka, in turn, challenges conventional thought, deconstructs truth, and opens the door to subjective interpretations through his profound and provoc-

For Roučka, Kafka is a constant presence, with the writer's notion of "flying around truth" echoing in every new creative attempt

ative narratives. Each curatorial decision was carefully crafted to capture the essence of these two artists and deliver a truly singular experience to visitors.

Roučka feels a personal connection with K., the Land-Surveyor, from Kafka's novel *The Castle*. He recalls: "As a surveying student, not particularly enthusiastic and sketching idly on the table, I saw myself reflected in K., the land-surveyor that was not in a hurry to work at the castle." This connection sparked a series of monumental paintings, including *Castle*, exhibited in museums across Germany and the United States. For Roučka, Kafka is a constant presence, with the writer's notion of "flying around truth" echoing in every new creative attempt. By reinterpreting Kafka's literary universe, Roučka makes his stories more accessi-

ble, inviting fresh audiences to discover the writer through visual arts.

A key challenge was coordinating the teams involved – curators, producers, and local partners. The set design captured the complexity of Roučka's works, drawing on abstract expressionism while blending Kafka's text into a visually cohesive whole. Every detail, from the lighting, sound design, and communication materials, was attentively tailored to stimulate an introspective atmosphere, inviting contemplation and reflection.

The exhibition celebrates the cultural ties between the Czech Republic and Brazil, fostering intercultural dialogue with the support of CCBB and CBC's sponsorship. Targeting an eclectic audience – from literature buffs to contemporary art enthusiasts – it sparks discussions on the impact of words and images in shaping cultural identity.

**Roučka – Kafka In Motion** (Roučka – Kafka em Movimento) reaffirms our commitment to culture and education as essential pillars for a more diverse, mindful, and collective-oriented society. Our goal is to inspire learning by linking ideas with experiences that drive positive social impact and promote dialogues across different artistic expressions.

May this catalogue serve as more than just a record of the exhibition. We trust it will challenge perspectives and amplify the transformative power of art in building a more compassionate and meaningful future. ■

**Clóvis Arruda**  
**Margarete Regina Chiarella**

General Coordination



## PAVEL ROUČKA: UM ARTISTA E SUA JANELA NO TEMPO

O século XX se desnudou diante dos olhos de Pavel Roučka com todas as suas nuances, desde as tintas mais escuras até os tons iluminados. Vida como paleta completa, das cores puras às misturadas, em gestos bruscos e brutos ou num traçado lírico. Ele viu de tudo.

E isso remonta ao menino Pavel, ainda muito pequeno, em seu amado país capturado pelos alemães na Segunda Guerra Mundial, sob a pressão, o medo e a violência racial e radical. E trespassa sua juventude e início da maturidade (de 1948 a 1989), quando então uma outra “guerra”, fria, congelante, deu continuidade ao autoritarismo, agora sob o jugo da então União Soviética. A partir de 1989, numa sonhada mudança, veio a denominada Revolução de Veludo e, com ela, findou-se pacificamente uma era na atual Tchêquia, ou República Tcheca.

Enfim, a paz. O artista Pavel Roučka, como testemunha dos conflitos de seu tempo, rumava ao século XXI mais livre do que nunca. As exposições, os trabalhos cenográficos, as ilustrações nos livros se multiplicariam nessa abertura, revelando-o ao mundo.

Mas e os textos de Franz Kafka nessa nova era pós-1989? As angústias, os caminhos tortuosos, os exílios de si, os delírios literários, os descaminhos e seus encontros, tão presentes e em diálogo

perene na obra de Roučka? O escritor Franz Kafka (1883-1924), conterrâneo de Pavel, como ele habitante da linda e barroca Praga, com seus textos inquietantes, havia sido uma grande presença no trajeto do artista, inspiração e conspiração com Roučka.

Enquanto estudava agrimensura, o pintor havia se identificado profundamente com K., o agrimensurador do livro *O castelo*, obra que ilustra a pressão e a opressão de forma intensa e perturbadora. A história nos traz esse personagem que chega perdido a um vilarejo dominado por um misterioso castelo e tenta obter acesso a ele. Talvez fosse até esperado ali, mas é constantemente impedido, submetido, até sucumbir. Sucumbiria também a inspiração kafkiana? Na paz, nas portas abertas, no ilimitado, faria sentido que Kafka continuasse tão presente?

Mas, veja, está exposto: a parceria entre Roučka e Kafka vive no século XXI. Exalta o caos, desnuda a carne, encanta. Caminha até os dias de hoje nas pinceladas abruptas, no espanto das cores, no abstracionismo que

**Pavel Roučka**  
em seu *atelier*,  
Praga, República  
Tcheca, 2015



**Pavel Roučka** em seu atelier, Praga, República Tcheca, 2016



materializa seres contorcidos e alquebrados que continuam a se erguer, a lutar. As novas guerras do mundo, nossos espantos e retrocessos, descaminhos que insistimos em trilhar como humanidade, está tudo ali, em Roučka, em Kafka, para ser lido, sentido, absorvido. E para, diante das telas e dos textos, ficarmos literalmente sem palavras.

### UMA TRAJETÓRIA DE RECONHECIMENTO

Pavel Roučka nasceu em Praga em 20 de junho de 1942 e fez sua formação acadêmica na Escola Secundária de Geodésia e Cartografia de Praga, onde se formou em 1960. Entre 1968 e 1969, foi responsável pela cenografia de desenhos animados no estúdio Belvision, em Bruxelas. A partir de 1974, ampliou suas experimentações gráficas para além da

pintura, criando composições figurativas e paráfrases de imagens do Renascimento, utilizando técnicas de rotogravura e verniz fundido. Em 1977, passou a trabalhar com litografia, produzindo gravuras originais com temas bíblicos, além dos kafkianos. A partir dos anos 1980, concentrou-se principalmente na pintura, no desenho e na litografia, sendo conhecido por suas composições figurativas expressivas, marcadas pelo uso de cores incomuns, e por métodos de trabalho não convencionais. Seus pincéis que o digam: feitos por ele, para ele, verdadeiras trinchas de cabo longo e empunhadura difícil onde ele se entrincheira para vencer as batalhas diárias diante do branco das telas.

Suas obras de grande formato foram destaque na exposição “não oficial” de artistas tchecos contemporâneos no Museen der Stadt Regensburg Minoritenkirche (Alemanha) e na exposição *Czech Art in the Velvet Revolution* [Arte Tcheca na Revolução de Veludo], no Nassau County Museum of Art, em Nova York. Em 1995, já consagrado como artista plástico, aprimorou suas habilidades na renomada Académie des Beaux-Arts de Paris.

Ao longo de sua carreira, Roučka recebeu diversas premiações internacionais, como a Bolsa

**A parceria entre Roučka e Kafka vive no século XXI. Exalta o caos, desnuda a carne, encanta. Caminha até os dias de hoje nas pinceladas abruptas, no espanto das cores**

de Pintura da Associação de Artistas Tchecos em 1969; o prêmio máximo na Bienal de Łódź (Polônia), na categoria gravuras, em 1988; e a Ordem das Palmas Acadêmicas do governo francês em 2003. Suas obras estão presentes em importantes instituições, como a Galeria Nacional de Praga, o Ministério da Cultura e o Ministério das Relações Exteriores da República Tcheca, além de coleções públicas e privadas em inúmeros países. Realizou mais de cem exposições individuais em galerias e museus ao redor do mundo, como Alemanha, França, Estados Unidos, Tunísia, Japão, Dinamarca, Reino Unido, Países Baixos, Canadá e Polônia.

Por último, mas não menos importante, vale a pena contar sobre o esportista Pavel Roučka, durante toda a vida um atleta apaixonado. Na juventude, competiu ativamente na canoagem. Nos anos 1960,

foi campeão nacional em canoa dupla e canoa quádrupla. E até recentemente participava de corridas de veteranos. Embora hoje em dia, com mais de 80 anos, não seja tão comum vê-lo numa canoa, ele sinaliza: “No que diz respeito à arte, ainda remou muito e em alta velocidade!”.

Em sua típica fluidez, o artista nos convida a entrar com ele nesse barco e navegar junto de Kafka em águas profundas, escuras, inquietantes e... vivas!

**Ana Augusta Rocha**

Jornalista



**Pavel Roučka:** detalhe de seu atelier, 2015



## PAVEL ROUČKA: AN ARTIST AND HIS WINDOW INTO TIME

The 20<sup>th</sup> century unfolded before Pavel Roučka's eyes in all its nuances, from the deepest shades to the brightest hues. Life as a full palette – pure and blended colours, abrupt and raw gestures, lyrical lines. He saw it all.

This traces back to the young Pavel, still a small boy in his beloved country seized by the Germans during World War II – a time of oppression, fear, and brutal racial violence. It carries through his youth and early adulthood (from 1948 to 1989), when a bleak and cold war perpetuated authoritarianism under the grip of the Soviet Union. Then, in 1989, came the long-awaited change: the Velvet revolution, bringing a peaceful end to an era in what is now the Czech Republic.

Peace, at last. Pavel Roučka, as a witness to the century's conflicts, moves into the new millennium freer than ever. Exhibitions, set designs, and book illustrations would multiply in this newfound freedom, revealing the artist to the world.

But what of Franz Kafka's texts in this new post-1989 era? The anxieties, the winding paths, the exiles of the self, the literary deliriums, the wrong turns and the rare intersections – so vividly present and in everlasting dialogue with Roučka's work? Franz Kafka (1883–1924), Pavel's fellow countryman, like him, a resident of beautiful, baroque Prague, has been a

profound presence in the artist's journey, a source of both conspiracy and inspiration for Roučka.

While studying land surveying, the painter felt a deep connection with K., the land-surveyor from *The Castle*, a novel that illustrates pressure and oppression in an intense and unsettling way. The story introduces us to this character who, lost and adrift, arrives in a village ruled by a mysterious castle and tries to gain access to it. Perhaps he was expected there, but he is constantly thwarted and subdued, until he succumbs. Would the Kafkaesque inspiration also succumb? In peace, in open doors, in boundlessness, would it make sense for Kafka to remain so present?

But look, it is laid bare: the partnership between Roučka and Kafka lives on in the 21<sup>st</sup> century. It exalts chaos, strips flash bare, enchants. It lingers in the abrupt brushstrokes, in the startling colours, in the abstraction that gives form to twisted, broken beings who continue to rise, to fight. The new wars of the world, our collective astonishments and setbacks, the missteps we

**Pavel Roučka**  
in his atelier,  
Prague, Czech  
Republic, 2015



**Pavel Roučka** in his atelier,  
Prague, Czech Republic, 2016



insist on taking as a humanity – it's all there, in Roučka and in Kafka, to be read, felt, absorbed. And before the canvases and the texts, we are left, quite literally, speechless.

### A PATH OF RECOGNITION

Pavel Roučka was born in Prague on June 20, 1942, and received his academic training at the Secondary School of Geodesy and Cartography in Prague, graduating in 1960. Between 1968 and 1969, he worked on the scenography of animated films at the Belvision studio in Brussels. From 1974 onward, he expanded his graphic experiments beyond painting, creating figurative compositions and paraphrases of Renaissance imagery using rotogravure and fused varnish techniques. In 1977, he began working with lithog-

raphy, producing original prints with biblical and Kafkaesque themes. From the 1980s onward, he focused primarily on painting, drawing, and lithography, gaining recognition for his expressive figurative compositions, marked by unusual colour choices and innovative working methods. His brushes are proof of this – crafted by him, for him, long-handled, unwieldy instruments in which he entrenches himself to wage the daily battles before the blank canvas.

His large-scale works stood out in the “unofficial” exhibition of contemporary Czech artists at the Museen der Stadt Regensburg Minoritenkirche in Germany, as well as in the exhibition Czech Art in the Velvet Revolution at the Nassau County Museum of Art in New York. By 1995, already established as a visual artist, he refined his craft at the prestigious Académie des Beaux-Arts in Paris.

Throughout his career, Roučka received numerous international awards, including the Painting Fellowship from the Czech Artists' Association in 1969, the top prize in the printmaking category at the Łódź Biennale in Poland in 1988, and the Order of Academic Palms from the French government in 2003.

The partnership between Roučka and Kafka lives on in the 21<sup>st</sup> century. It exalts chaos, strips flash bare, enchants. It lingers in the abrupt brushstrokes, in the startling colours

His works can be found in major institutions such as the National Gallery in Prague, the Ministry of Culture, and the Ministry of Foreign Affairs of the Czech Republic, as well as in public and private collections across several countries. He has held over a hundred solo exhibitions in galleries and museums worldwide, including in Germany, France, the United States, Tunisia, Japan, Denmark, the United Kingdom, the Netherlands, Canada, and Poland.

And then, there's Pavel Roučka, the athlete – a lifelong sportsman with a passion that never faded. In his youth, he was a dedicated canoeist, competing at a high level. In the 1960s, he became a national champion in both two-man and five-man canoe events, and for years, he continued racing in veteran

competitions. These days, at over 80, he may not be out on the water as often, but he's quick to point out: “When it comes to art, I'm still paddling hard—and at full speed!”

With his characteristic fluidity, he invites us to step into the boat with him to sail alongside Kafka through deep, dark, restless, and yet... vibrant waters!

**Ana Augusta Rocha**

Journalist



**Pavel Roučka:**  
detail of his atelier, 2015

## ET KAFKA, ETC.

Píšu odlišně od toho, co mluvím,  
mluvím odlišně od toho, co si myslím,  
myslím odlišně od toho, jak bych měl myslet,  
a tak to vše přechází do nejhlubší tmy.

Franz Kafka

Baví mě představovat si řeč člověka v době kolem roku 500 n. l., v době takzvaného stěhování národů, kdy k vyjádření „něco mít, být, jít, prostě žít“ stačil jediný výraz. Člověk nic nevlastnil a aby se zachoval při životě, musel se nutně přemisťovat, jít. Ano, jedná se o předky nás všech, používajících všechny románské, germánské, slovanské – všechny ty úžasné indoevropské jazyky moderní doby.

VÁBÍ mě ovšem řeč jiná, jinaká, řeč Franze Kafky, který před více než sto lety pomocí slov (jako plných tónů barev?) a slůvek (jako barevných pultónů?) se dobývá do našeho podvědomí, přeskakuje vědomí – zpochyňuje vyslovené slovo, vědom si, že mohlo znít zcela jinak... Proto také umění, nemajíc vyhnutí, podle Kafky „poletuje kolem pravdy“. Pravděpodobně proto umělec, chycen do pastí posedlosti, uskutečňuje pokus za pokusem, aby pravdy se dobral! Každou další práci, dalším obrazem, skládá postupně onen příznačný obraz sebe sama! U mne toto hledání a vyjádření „tvaru“ pravdy trvá dlouhá desetiletí a – s přibývajícím lety (žel, s ubývajícím časem) – je stále intenzivnější.

Okamžitě s první mojí literární láskou, Kafkovým „Zámek“, jsem se jako ne zrovna nadšený, pod lavicí si kreslící student zeměměřičství, ztotožnil s ne zrovna usilovně za prací do zámku spěchajícím zeměměřičem K.!

Od kreseb a litografií, zejména v osmdesátých letech, jsem dospěl až ke kuriózní řadě dvoumetrových maleb „Zámek“ ilustrujících! Díky šťastné proměně politické v naší republice a otevření se světu byly některé z těchto maleb (v letech 1989–1991) představeny v Městském muzeu v Německém Regensburgu a v New Yorku, v Nassau County Museu (poté i v Christie's, NY).

Následovaly a následují práce na krátkých Kafkových textech, dodnes je to zejména „Sousední ves“ nebo „Popis jednoho zápasu“.

Velké úsilí jsem v 80. až 90. letech věnoval bibliofilským vydáním. Pro holandský Baarn jsem vytvořil například litografie k textům „Císařské poselství“, „Lovec Gracchus“, či „Před zákonem“ (1984). V dánském muzeu ve Frederikshavnu byla v osmdesátých letech vydána díla „Manželé“, „Z deníků“ a opět „Zámek“! V Praze jsem doprovodil kresbami „Dopis otcí“ a „Dopisy Felicii“ (1991).

Do katalogu jsem neopomenul zařadit kresby francouzských školáků na mé, převážně kafkovské výstavě v Paříži 1983.

Prozřetelnost je ke mně natolik shovívavá, že mohu stále ještě promýšlet – namísto všedního života – běh přírody, zákonitosti architektury a především malby.

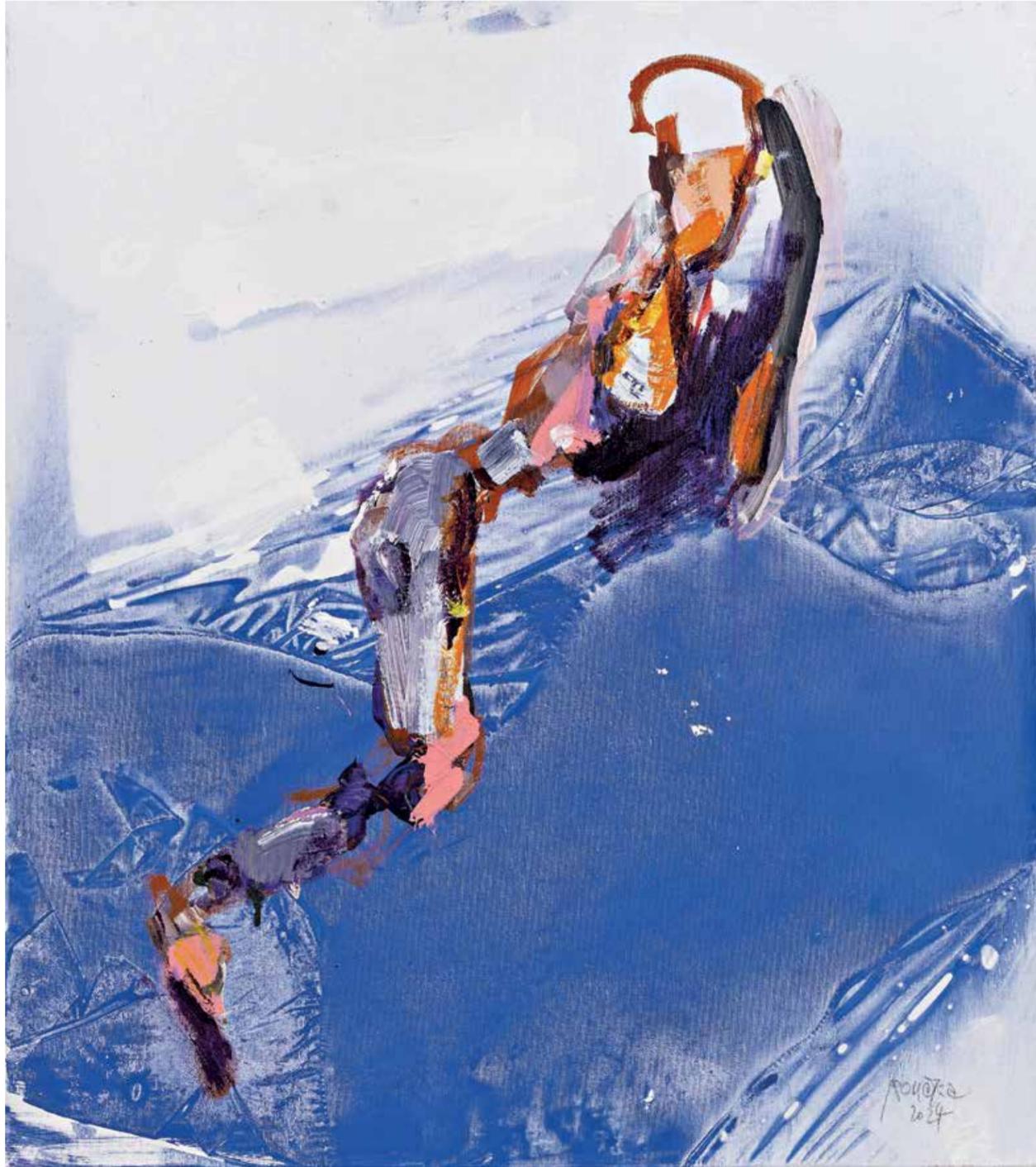
Fascinace Kafkou – i přes další zájmy, náměty, např. sport, hudbu (Antonín Dvořák), příběhy Bible, nebo českou barokní krajinu – přetrvává, a inspirace (pro mne, i přes veškeré Kafkovy nářky) Happy Manem K. zabírá velkou část mé tvorby.

Velká rodina, početní přátelé, možnost pracovat každý den je největším privilegiem jakého se mi v životě dostalo!

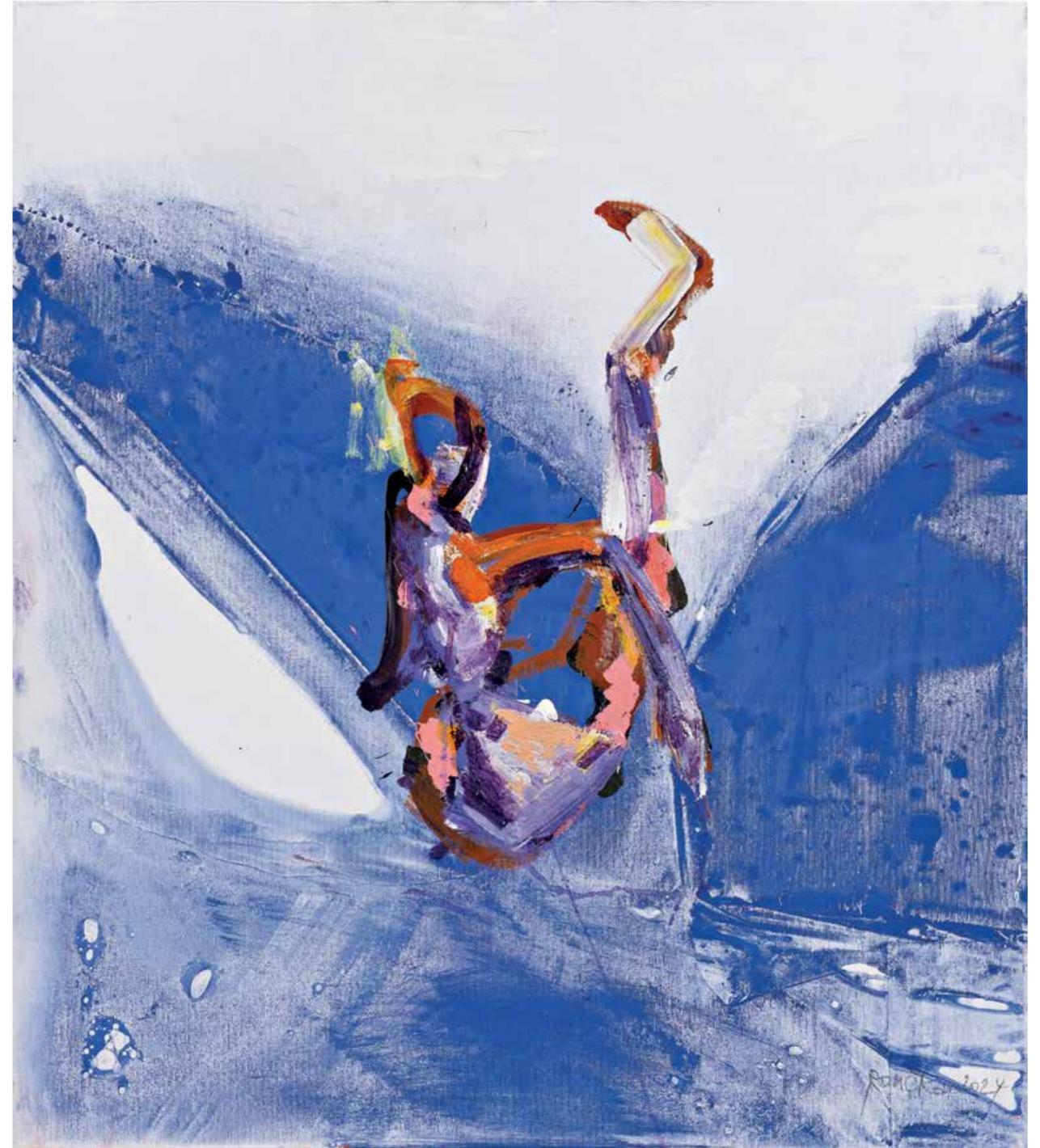
**Pavel Roučka**

Umělec





**Euphoria... Brasil 1**  
2024  
Acrílico sobre tela/Acrylic on canvas  
70 x 80 cm



**Euphoria... Brasil 2**  
2024  
Acrílico sobre tela/Acrylic on canvas  
70 x 80 cm

## E KAFKA, ETC.

Eu escrevo diferente do que falo,  
eu falo diferente do que penso,  
eu penso diferente do que deveria,  
e assim tudo se transforma na mais profunda escuridão.

Franz Kafka

Gosto de imaginar a linguagem de uma pessoa por volta de 500 d.C., durante a chamada migração dos povos, quando uma única expressão bastava para dizer “ter algo, ser, ir, simplesmente viver”. O ser humano não possuía nada e, para permanecer vivo, tinha de se mover, andar. Sim, esses são os ancestrais de todos nós que usamos línguas românicas, germânicas e eslavas – os incríveis idiomas indo-europeus dos tempos modernos.

No entanto, sinto-me atraído por uma linguagem diferente, inigualável, a linguagem de Franz Kafka, que há mais de cem anos, usando palavras (como tons plenos de cores?) e palavrinhas (como semitons coloridos?), adentra nosso subconsciente, transcende a consciência e questiona a palavra falada, ciente de que ela pode soar completamente diferente...

É por isso que a arte, segundo Kafka, “voa ao redor da verdade”, não havendo como contorná-la. É provavelmente por isso que o artista, preso na armadilha da obsessão, faz tentativa após tentativa para alcançar a verdade. Com cada nova obra, com cada nova pintura, ele gradualmente compõe aquela imagem característica de si mesmo. Para mim, essa busca e expressão da “forma” da verdade dura muitas décadas e – com o passar dos anos (infelizmente, com o tempo se esgotando) – torna-se cada vez mais intensa.

Ao descobrir minha primeira paixão literária, *O castelo*, de Kafka, eu – um estudante de agrimensura não muito entusiasmado, que passava o tempo rabiscando embaixo da carteira – imediatamente

me identifiquei com o personagem agrimensor K., que também não demonstrava muita pressa para começar a trabalhar no castelo.

A partir de desenhos e litogravuras, especialmente na década de 1980, cheguei a uma curiosa série de pinturas de dois metros de altura que ilustravam a obra *O castelo*. Entre 1989 e 1991, graças à feliz transformação política em nosso país e à sua abertura para o mundo, algumas delas foram exibidas no Museen der Stadt Regensburg, na Alemanha, no Nassau County Museum of Art, em Nova York, e posteriormente na Christie’s, também em Nova York.

Produzi e continuo produzindo trabalhos sobre os textos curtos de Kafka, destacando-se, até o momento, “A próxima aldeia” e *Descrição de uma luta*. Nas décadas de 1980 e 1990, dediquei-me com grande empenho à bibliofilia. Para a cidade de Baarn, nos Países Baixos, criei litogravuras para os textos “Uma mensagem imperial”, “O caçador Graco” e “Diante da lei”, em 1984. Nos anos 1980, illustrei as edições de *O casal*, *Diários* e, novamente, *O castelo*, publicadas pelo Frederikshavn Kunstmuseum. Em Praga, *Carta ao pai* e *Cartas a Felice*, em 1991. Não esqueci de incluir no catálogo, em 1983, os desenhos de crianças francesas em idade escolar na minha exposição, predominantemente kafkiana.

A providência tem sido tão benevolente comigo que ainda posso refletir – em vez de me prender à vida cotidiana – sobre o curso da natureza, as leis da arquitetura e, acima de tudo, a pintura.

Apesar de meu interesse por outros temas, como esporte, música (Antonín Dvořák), histórias bíblicas ou a paisagem barroca tcheca, a fascinação por Kafka permanece, e a inspiração (para mim, apesar de todas as lamentações kafkianas) no feliz K. (*happy man K.*) ocupa grande parte da minha criação artística.

Uma grande família, muitos amigos e a possibilidade de trabalhar todos os dias são os maiores privilégios que a vida me concedeu.

**Pavel Roučka**

Artista

## AND KAFKA, ETC.

I write differently from what I speak,  
I speak differently from what I think,  
I think differently from the way I ought to think,  
and so it all proceeds into deepest darkness.

Franz Kafka

*I like to imagine the language of a person around 500 A.D., during the so-called migration of peoples, when a single expression sufficed to convey the idea of “having, being, going, simply living.” People owned nothing, and to stay alive, they had to move, walk. Yes, these are the ancestors of all of us who now speak the Romance, Germanic, and Slavic languages – those incredible Indo-European languages of the modern age.*

*However, I feel drawn to a distinct, unparalleled language – the language of Franz Kafka, who, for over a century, using words (like full tones of colour?) and little words (like colourful semitones?) has delved into our subconscious, transcended consciousness, and questioned the spoken word, aware that it could sound entirely different...*

*This is why art, as Kafka puts it, “flies around truth”, unable to escape it. Probably for this reason, the artist, trapped in the snare of obsession, makes attempt after attempt to reach the truth. With each new work, with each new painting, they gradually compose that characteristic image of themselves!*

*For me, this search and expression of the “form” of truth has lasted many decades, and – with the passing of years (unfortunately, with time running out) – it has become increasingly intense.*

*When I discovered my first literary passion, Kafka’s The Castle, I – a not-very-enthusiastic surveying student who spent time doodling under the desk – immediately identified with the character of the surveyor K., who also showed little eagerness to start working at the castle.*

*From drawings and lithographs, especially in the 1980s, I arrived at a curious series of two-meter-tall paintings illustrating The Castle.*

*Thanks to the fortunate political transformation in our country and its opening to the world, some of these paintings (between 1989 and 1991) were exhibited at the Municipal Museum of Regensburg in Germany, the Nassau County Museum in New York, and later at Christie’s, also in New York.*

*I have produced and I continue to produce works on Kafka’s short texts, with The Next Village and Description of a Struggle standing out so far.*

*In the 1980s and 1990s, I devoted great effort to bibliophile editions. For the city of Baarn in the Netherlands, I created lithographs for the texts An Imperial Message, The Hunter Gracchus, and Before the Law (1984). In the 1980s, the Danish museum, in Frederikshavn, published the works The Spouses, From the Diaries, and once again, The Castle. In Prague, I illustrated Letter to His Father and Letters to Felice (1991).*

*I did not forget to include in the catalog the drawings of French schoolchildren in my predominantly Kafka-themed exhibition in Paris in 1983.*

*Providence has been so benevolent to me that I can still reflect – instead of being confined to everyday life – on the course of nature, the laws of architecture, and above all, painting.*

*Despite my interest in other subjects, such as sports, music (Antonín Dvořák), biblical stories, or the Czech Baroque landscape, my fascination with Kafka remains, and the inspiration (for me, despite all Kafka’s lamentations) from the Happy Man, K., occupies a significant part of my artistic creation.*

*A large family, many friends, and the opportunity to work every day are the greatest privileges life has granted me.*

**Pavel Roučka**

Artist

# AS FÁBULAS DE KAFKA, AS PINTURAS DE ROUČKA

## KAFKA E O CASTELO

Quando escreveu os capítulos do romance *O castelo*, Franz Kafka já convivia havia quatro anos com a tuberculose. Tossia sangue, tinha ataques de febre, a respiração curta e um ruído que saía dos pulmões; vivia internado em sanatórios e aguardava as decisões sobre seu pedido por uma aposentadoria precoce. Em Praga, sua cidade, as ruas ainda testemunhavam a escassez de mercadorias, uma das consequências da Primeira Guerra Mundial; e o escritor sentia na pele, na sua, na de seus familiares e amigos mais próximos, as ameaças de um cruel antissemitismo.

Foi nesse cenário áspero que, naquele janeiro de 1922, Kafka se embalou madrugada adentro na escrita de *O castelo*. Da sua janela, de onde se veem as Montanhas dos Gigantes, contemplava as casas cobertas por neve. Subitamente, veio-lhe a história de um estranho que entra num vilarejo. “Em que aldeia eu me perdi? Então existe um castelo aqui?”<sup>1</sup> Embora seja desconhecido, esse senhor K. é curiosamente aguardado. Ele é agrimensor e, para entender melhor os detalhes de seu trabalho, precisa falar com Klamm, um alto funcionário do castelo. Atônito, sem rumo nem destino certos, mas com a sensação de que veio para ficar, K. se hospeda num albergue ao pé do castelo. Ali ele flerta, apaixonar-se,

é vigiado, tem sua presença sempre comentada pelos demais habitantes do vilarejo e, paulatinamente, desvencilha-se até dos motivos da sua chegada. Como os demais personagens do escritor tcheco, K. está fadado a esperar, a decifrar mensagens confusas e que o levam a um doloroso labirinto de humilhações.

*O castelo* é uma exímia síntese da prosa dos últimos anos de Kafka. Uma situação rapidamente dada, descrita com esmero e objetividade, mas que, paradoxalmente, leva a jogos absurdos, sem sentido e sem respostas. Claustrofóbicas, agonísticas, as roldanas narrativas de Kafka espremem seus personagens, que, minúsculos diante da situação irreal em que estão, precisam encontrar uma força interna para seguir adiante. Basta lembrar de *O processo*, romance que nunca esclarece ao personagem, também chamado K., por que ele está sendo julgado. Ainda que em vão, o réu se esforça para explicar à sociedade que o exclui que aquele processo carece de lógica. É esse teor de luta interna que enleva, no meio da prosa, uma tensão literária única. K. luta para entender a sua situação;

<sup>1</sup> Franz Kafka, *O castelo*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 7.

quando não a entende, luta para se adaptar; quando não se adapta, luta para escapar; e, quando não escapa, tampouco se resigna: persiste, tenta criar novas situações para ao menos ampliar o espaço do beco sem saída em que se encontra.

Boa parte da modernidade da prosa de Kafka resulta de sua maestria em tensionar formas literárias tradicionais – como a fábula, a alegoria, a história curta e o mito – com o esgarçamento e o apagamento dos laços sociais que, outrora, vinculavam narradores e suas plateias. Semelhante a uma fábula, *A metamorfose* insere o leitor em meio às agonias de um personagem ambivalente, que se situa entre o humano e o não humano. Ao acordar, Gregor Samsa percebe que virou um horrível inseto, com várias patas, que pouco a pouco aprende

a andar para trás, para os lados, em várias direções; que prefere ficar no teto, de ponta-cabeça, e que se assusta com a fome que o transtorna, o apetite aguçado por comidas prestes a estragar. Samsa trabalha como caixeiro-viajante e, ao despertar de seus sonhos intranquilos, certa manhã, dá-se conta de que acordou tarde demais para o trem no qual deveria ter embarcado.

O monstruoso dessa fábula não é sua metamorfose, mas o fato de Samsa ainda precisar conviver com os humanos. Sua voz ganha tons metálicos. Ele entende a língua humana, mas sua família não compreende as palavras que ele se esforça para pronunciar. É nesse hiato da linguagem que Kafka revela-se único. Entocado no seu quarto, Samsa vive a experiência de ser um outro ser, um outro ente, um ser vivo visto como monstruoso aos olhos humanos, aos afetos da sua família.

De forma sutil, Kafka duplica a tensão dos seus personagens com a fricção das formas que articula. Aliás, *Descrição de uma luta*, título de uma das suas novelas, traduz com perfeição o próprio recurso de Kafka em relação a suas narrativas: uma luta vista de fora; uma luta, todavia, que também se torna um corpo em luta. Uma fábula curta como “Diante da lei” se transforma na agonia da espera, cujo código à entrada era, ironicamente, a pró-

**Franz Kafka**  
em 1923.  
Domínio Público





**Um mensageiro imperial (F. Kafka)**  
2024

pria espera. Luta e recusa, portanto, são duas das forças motrizes da estética kafkiana. Não por acaso, recusa e luta foram algumas das marcas da sua vida. A recusa do casamento e da vida amorosa, para se dedicar exclusivamente à literatura, e a abnegação dos privilégios burgueses levaram ao maravilhamento das fábulas que Kafka cunhou.

### **KAFKA, PAVEL ROUČKA E A CURADORIA DOS TRECHOS LITERÁRIOS**

A maioria das obras de Pavel Roučka que compõem esta exposição foi diretamente inspirada na literatura de Franz Kafka, sobretudo em alguns capítulos de *O castelo*. Distorções geométricas, figuras que traçam acrobacias entre o humano e o não humano, tipos esqueléticos e acudados que se movimentam em lutas improváveis e perfazem, na agonia interna ao quadro, um traço da sua presença, da sua passagem. Alinhado a uma tradição da

*ekphrasis*<sup>2</sup> – da *ut pictura poesis*<sup>3</sup> que busca não apenas representar a poesia como imagem, mas também animar visualmente imagens oriundas de obras literárias –, Roučka intitulou muitos dos seus quadros com base em situações vindas diretamente da sua leitura e imaginação de trechos do escritor tcheco.

Seguindo esse encadeamento, a curadoria mesclou o olhar de Roučka diante de Kafka ao meu ponto de vista. Se Roučka traduz visualmente seu percurso por Kafka, cabia a mim retrilhar esse caminho para, juntos, conduzirmos o olhar de encontro, visual literário, do visitante da exposição. As citações de Kafka, portanto, não têm o intuito de ilustrar as pinturas de Roučka.

Ao contrário, como um guia sensório, elas sugerem formas de entrar na ambiência literária que Roučka e suas dilacerantes pinturas possuem. Por esse viés, mesclamos trechos das obras literárias com cartas de Kafka para seu pai e Felice Bauer, além de breves passagens dos diários.

Na tela “Uma mensagem imperial”, por exemplo, uma figura atormentada se equilibra diante de um fundo violáceo enquanto, na legenda, se destaca o trecho final do conto de mesmo nome, quase uma lição de moral ao avesso, que convida o leitor a tensionar as sensações visuais de Roučka com as palavras de

<sup>2</sup> Do grego, “descrição”.

<sup>3</sup> Expressão do latim que significa “poesia é como pintura”.

## **Profético num tempo atroz, Kafka traduziu com rara força poética as sensações que se consolidaram em Estados totalitários, regimes de exceção, guerras, genocídios, vigilâncias, e tantas injustiças que marcam o mundo moderno**

Kafka: “Aqui ninguém penetra; muito menos com a mensagem de um morto. — Você no entanto está sentado junto à janela e sonha com ela quando a noite chega”.<sup>4</sup> A contemplação do visitante tende a ocorrer na fagulha desse breve intervalo, com o olho perante o quadro e a imaginação diante das janelas abertas pelas frases.

### **KAFKA HOJE**

Profético num tempo atroz, Kafka traduziu com rara força poética as sensações que se consolidaram em Estados totalitários, regimes de exceção, guerras, genocídios, vigilâncias e tantas injustiças que marcam o mundo moderno e contemporâneo, do século XX ao nosso milênio. Não há escritor que tenha retratado melhor o medo e o es-

panto diante dos poderes que agem contra os indivíduos. Apesar de convivermos com personagens que não conseguem fugir ou escapar desses horrores, o universo de Kafka transborda na força lúdica da fábula, pedra de toque de sua literatura.

Há uma anedota sobre os últimos meses de vida de Kafka que ilustra essa missão literária. Logo depois de se aposentar, o escritor passou alguns dias em Berlim, onde frequentou o parque Steglitz com Dora Diamant, amiga e namorada que o acompanhava. Certo dia, eles encontraram uma garotinha sozinha e chorando. Quando perguntaram o motivo da tristeza, ouviram que era porque sua boneca tinha desaparecido. Tocado, Kafka respondeu à menina: “Sua boneca está fazendo uma viagem, sei disso, ela me enviou uma carta”. Intrigada, a criança quis ler a carta, e o escritor disse que estava em sua casa, mas que no dia seguinte a levaria.

Ao voltar para casa, Kafka lançou-se com paixão na escrita da história da boneca. Na manhã seguinte, retornou ao parque com a carta e a leu para a garotinha. No outro dia, uma nova carta, e assim ele continuaria inventando narrativas por tanto tempo que a menina se perdeu nelas e esqueceu da boneca. Essa anedota é exemplar da crença de Kafka no poder da fábula e da literatura. Ao invés de enfatizar a perda, ele a substituiu pelo embalo da ficção, na força movente do aspecto lúdico que conecta escritores, leitores, espectadores e ouvintes. Num dos seus aforismos mais conhecidos, Kafka diz: “Uma gaiola saiu à procura de um pássaro”.<sup>5</sup> A luta do pássaro não é apenas para fugir dessa gaiola imaginária, mas para ganhar força nas asas a fim de manter viva a magia das histórias que precisamos contar durante o voo.

**Pablo Gonçalves**

Curador Literário

# KAFKA'S FABLES, ROUČKA'S PAINTINGS

## KAFKA AND THE CASTLE

When Franz Kafka penned the chapters of *The Castle*, he had been battling tuberculosis for four years. Kafka coughed blood, endured bouts of fever, struggled with shortness of breath, and lived with a constant wheezing in his lungs. Confined to sanatoriums, he awaited the outcome of his request for early retirement. In Prague, his hometown, the streets still bore the scars of wartime scarcity, a lingering consequence of the World War I. And Kafka felt deeply, both in his own life and in the lives of his family and close friends, the looming threats of a cruel antisemitism.

It was in this bleak setting that, in January 1922, Kafka immersed himself in the writing of *The Castle* late into the night. From his window, where the Giant Mountains can be seen, he gazed at the houses blanketed in snow. Suddenly, the story of a stranger who arrives in a village came to him. "What village have I wandered into? So, there is a castle here?"<sup>1</sup> Though unknown, Mr. K. is oddly expected. He is a land surveyor, and, to better understand the details of his work, he needs to speak to Klamm, a high-ranking official at the castle. Perplexed, without a clear path or destination, yet with the feeling that he has come to stay, K. checks into an inn at the foot of the castle. There, he flirts, falls in love, is watched, finds him-

self the subject of constant speculation among the villagers and, slowly, loses sight of the reasons for his arrival. As with many of Kafka's characters, K. is doomed to wait and unravel confusing messages that lead him through a painful maze of humiliations.

The *Castle* is a masterful synthesis of Kafka's late prose. A situation that is quickly established, described with precision and objectivity, yet paradoxically, unfolds into absurd, senseless games with no resolution. Claustrophobic and agonizing, Kafka's narrative mechanisms tighten around his characters, who, insignificant in the face of the unreal circumstances they find themselves in, must summon an inner strength to carry on. One need only to recall *The Trial*, a novel that never clarifies to the character, also named K., why he is being tried. Although in vain, he strives to explain to the very society that excludes him that the trial itself lacks logic. It is this internal struggle that creates a unique literary tension in Kafka's prose. K. fights to understand his situation; when he fails, he fights to adapt; when he cannot adapt, he fights to escape; and, when he cannot

<sup>1</sup> Franz Kafka, *The Castle*, trans. Anthea Bell. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009, p. 5.

escape, he does not surrender – he persists, inventing new situations as a means to carve out more space within the dead end that traps him.

Much of Kafka's modernity in prose stems from his ability to intertwine traditional literary forms – such as the fable, allegory, short story, and myth – with the gradual unraveling and erasure of the social ties that once connected narrators to their audiences. *The Metamorphosis*, much like a fable, immerses the reader in the agony of an ambivalent character caught between the human and the non-human. Upon waking, Gregor Samsa realizes he has become a horrendous insect, with multiple legs that he gradually manages to move backward, sideways, in all

directions. He learns that he prefers to stay on the ceiling, upside down, and that he is terrified by the hunger that overwhelms him, an appetite awakened by food on the verge of rotting. Samsa works as a traveling salesman, and, after waking one morning out of restless dreams, he realizes he had slept too late for the train he was supposed to catch.

The monstrous aspect of this fable is not the metamorphosis itself, but the fact that Samsa still needs to live among humans. His voice takes on a metallic tone. He understands human language, but his family cannot comprehend the words he struggles to utter. It is in this gap in language that Kafka reveals his uniqueness. Holed up in his room, Samsa experiences what it's like to be another creature, a different entity, a leaving being seen as grotesque in the eyes of humans, in the affection of his family.

In a subtle way, Kafka doubles the tension of his characters through the friction of the forms he weaves together. In fact, the novella *Description of a Struggle* perfectly captures his own approach to narratives: a struggle observed from the outside, but that also manifests as a body in struggle. A short fable like *Before the Law* turns into the agony of waiting, where the key to entry is, ironically, waiting itself. Struggle and refusal, therefore, are

**Franz Kafka**  
in 1923.  
Public domain





**Two assistants of the surveyor K.**  
2013

two of the driving forces behind Kafka's aesthetics. Not by chance, both struggle and refusal were enduring marks on his life. By turning away from marriage and romantic ties to focus solely on literature, and by rejecting the comforts of bourgeois life, Kafka paved the way for the extraordinary fables he brought to life.

### **KAFKA, PAVEL ROUČKA, AND THE ART OF CURATING LITERARY EXCERPTS**

Most of Pavel Roučka's works featured in this exhibition were directly inspired by the literature of Franz Kafka, particularly *The Castle*. Geometric distortions, figures caught up in a limbo between the human and the non-human, frail, cornered characters swept into unlikely struggles – their presence

and movements etched onto the quiet agony of the canvas. Rooted in the tradition of ekphrasis<sup>2</sup>, from *Ut Pictura Poesis*<sup>3</sup>, which seeks not only to represent poetry as an image but also to breathe life into images drawn from literary works, Roučka titled many of his paintings based on scenes from his reading and imagination of Kafka's writing.

Following this line of thought, the curation blended Roučka's perspective on Kafka with my own point of view. If Roučka translates his journey through Kafka's world into visual form, it was my role to retrace that path so that, together, we could guide the visitor's gaze toward a visual-literary encounter. The quotes from Kafka, therefore, are not meant to illustrate Roučka's paintings, but rather to serve as a sensory guide, suggesting ways of entering the literary atmosphere that his searing paintings evoke. With this in mind, we wove together excerpts from Kafka's works with letters to his father and Felice Bauer, as well as brief passages from his diaries.

In the painting *An Imperial Message*, for instance, a tormented figure balances against a violet backdrop, while the caption highlights the final lines from Kafka's story of the same name – a somewhat inverted moral lesson that invites the viewer to juxtapose Roučka's visual sensations with

<sup>2</sup> The Greek word for description.

<sup>3</sup> Latin expression that means "poetry is like painting".

## **Prophetic in a time of atrocity, Kafka captured with rare poetic force the sensations that would later solidify into totalitarian States, regimes of exception, wars, genocides, surveillance, and countless injustices that have defined the modern world**

Kafka's words: "No one pushes his way through here, certainly not someone with a message from a dead man. But you sit at your window and dream of that message when evening comes."<sup>4</sup> The viewer's contemplation tends to unfold in that brief interval – eyes fixed on the painting, imagination wandering through the windows opened by Kafka's words.

### **KAFKA TODAY**

Prophetic in a time of atrocity, Kafka captured with rare poetic force the sensations that would later solidify into totalitarian States, regimes of exception, wars, genocides, surveillance, and countless injustices that have defined the modern and contemporary world from the 20th century to our present day. No writer

has better portrayed the fear and bewilderment in the face of powers that act against individuals. Though we encounter characters who cannot flee or escape these horrors, Kafka's universe overflows with the playful force of fable, the touchstone of his literature.

There is an anecdote about Kafka's last months that beautifully illustrates this literary mission. Shortly after retiring, the writer spent a few days in Berlin, where he visited Steglitz Park with Dora Diamant, a friend and lover who accompanied him. One day, they came across a little girl, alone and crying. When they asked her why she was upset, she explained that her doll had gone missing. Moved, Kafka replied to the girl: "Your doll is on a trip, I know this because she sent me a letter". Intrigued, the child asked to read the letter. The author told her it was in his house but promised to bring it the next day.

When he returned home, Kafka threw himself passionately into writing the doll's story. The next morning, he went back to the park with the letter and read it to the little girl. The day after, there was another letter, and so he kept making up narratives for as long as it took, until the girl became so lost in them that she forgot about the doll. This anecdote is emblematic of Kafka's belief in the power of fables and literature. Instead of dwelling on loss, he replaced it with the soothing embrace of fiction, harnessing the playful, moving force that connects writers, readers, viewers, and listeners. In one of his most famous aphorisms, Kafka writes: "A cage went in search for a bird."<sup>5</sup> The bird's struggle is not just to escape this imaginary cage, but to strengthen its wings in order to keep alive the magic of the stories we must tell while flying.

**Pablo Gonçalo**

Literary Curator

# MODERNIDADE E SIMBIOSE ENTRE DOIS MUNDOS

É com satisfação que apresento este catálogo, o qual destaca dois elementos importantes da cultura da Tchéquia: a pintura contemporânea, representada pelo artista Pavel Roučka, e a literatura de Franz Kafka.

A ideia de apresentar o trabalho de Pavel Roučka ao público brasileiro surgiu muito antes de eu chegar ao Brasil. Inserir a arte contemporânea tcheca no contexto da arquitetura modernista de Brasília é, de certa forma, um objetivo natural e altamente estimulante. Sua concretização foi resultado do trabalho de inúmeras pessoas, bem como da feliz interação de uma série de circunstâncias.

Este projeto encerra a série de atividades comemorativas em torno do centenário da morte de Franz Kafka e marca o início de um novo ciclo cultural que comemora os 105 anos das relações diplomáticas entre a Tchéquia e o Brasil.

## AFINIDADES HISTÓRICAS

Os laços entre a Tchéquia e o Brasil são quase tão antigos quanto a história brasileira como colônia portuguesa. Em 1506, poucos anos após o desembarque de Pedro Álvares Cabral no Monte Pascoal, Bahia, foi publicado o primeiro escrito sobre o Brasil em terras tchecas, a tradução da carta do navegador Américo Vespúcio. A seguir, mapas e ilustrações forneceram as representações visuais da então chamada Terra de Vera Cruz.

O jesuíta Samuel Fritz destacou-se ao elaborar, em 1691, o primeiro mapa detalhado do rio Amazo-

nas e de sua bacia. Nos séculos seguintes, a fauna e a flora brasileiras inspiraram ilustrações de livros, tapeçarias e pinturas preservadas e admiradas até hoje em diversos locais da Tchéquia. A partir de 1720, os jesuítas passaram a difundir no Brasil o culto ao santo tcheco João Nepomuceno. E, enquanto o Brasil abriga imagens do Menino Jesus de Praga, a Tchéquia exhibe representações de Nossa Senhora Aparecida.

O interesse pelo Brasil intensificou-se na primeira metade do século XIX, quando a arquiduquesa austríaca Leopoldina se casou com Pedro I. Pesquisadores e artistas como Johann Christian Mikan e Johann Emanuel Pohl registraram, em textos e gravuras, a riqueza natural e o modo de vida brasileiros. Para os tchecos daquela época, tais obras difundiram o conhecimento sobre o Brasil, sua natureza e cultura.

Com o advento da fotografia, viajantes documentaram territórios indígenas e divulgaram aspectos específicos da América Latina no início do século XX. Entre os entusiastas dessa nova abordagem, Enríque Stanko Vráz registrou pela primeira vez o território indígena do Alto Rio Negro, publicando um livro sobre o tema em 1900, e Alberto Vojtěch Frič tornou-se um dos maiores divulgadores da América Latina no ambiente tcheco do início do século XX.

O pintor Ferdinand Krumholz, que chegou ao Rio de Janeiro em 1848, criou mais de uma centena de retratos da família real e de membros da sociedade brasileira. Outros artistas também deixaram sua marca, como Francis Pelichek, pintor e ilustrador em Porto Alegre na década de 1920; Jan Zach, responsável por importantes obras no Rio de Janeiro, em Penedo e Cataguases nos anos 1940; e

*“A arte fala pelo ser humano,  
pelas nações, pela humanidade”  
Josef Čapek*

Franta Reyl, que retratou de forma singular a realidade brasileira em suas pinturas enquanto viveu em Teresópolis durante a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, Milan Dusek contribuiu para a arte brasileira na Brasília dos anos 1960.

Outro nome de destaque é Vladimir Kozák, etnógrafo, fotógrafo e documentarista. Entre 1948 e 1978, produziu um vasto acervo de imagens, filmes e textos sobre povos indígenas, hoje preservado pelo Museu Paranaense, em Curitiba, e reconhecido como parte do programa Memória do Mundo, da Unesco.

A partir de 1947, o público tcheco teve acesso a exposições de artistas brasileiros como Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi e Candido Portinari. A cooperação cultural intensificou-se com a participação da Tchecoslováquia na Bienal de São Paulo em 1957 (por meio de trabalhos de autores como Max Švabinský, Emil Fila e Josef Čapek) e com as contribuições brasileiras na Quadrienal de Praga, culminando, em 2023, com o prêmio à exposição *Encruzilhadas: Pensamentos nas Esquinas*.

O interesse mútuo reflete-se em vários projetos artísticos da última década. Em São Paulo, o público pôde admirar as obras de Alfons Mucha e as fotografias de Josef Koudelka sobre a Primavera de Praga (1968). Com o apoio do Ministério das Relações Exteriores da República Tcheca, foram realizadas exposições do ilustrador Jiří Voves e da Czech Press Photo, bem como mostras dedicadas a Karel Čapek e Franz Kafka. Entre as conquistas mais importantes, está a exposição de colagens de Jiří Kolář no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Na Tchéquia, destacam-se, hoje, as fotografias de Sebastião Salgado.

Nos últimos três anos, a diplomacia tcheca no Brasil passou a focar sistematicamente na arquitetura e na arte moderna. A exposição *Kafka em Movimento*, de Pavel Roučka, inspirada na obra de Franz Kafka, especialmente em *O castelo*, insere-se naturalmente nesse esforço, destacando uma das figuras mais proeminentes da arte contemporânea tcheca.

## PAVEL ROUČKA

Primeiro conheci a obra de Pavel Roučka e só depois o conheci pessoalmente: a família do meu marido mantém, há décadas, uma relação de amizade com Pavel e sua esposa, Daniela Flejšarová, uma das mais importantes figurinistas tchecas contemporâneas.

Meu primeiro encontro com eles aconteceu em 1997, em sua residência, uma bela e antiga casa na rua Všehrdova, no distrito de Malá Strana, coração de Praga. Subimos as escadas até um espaço que é, ao mesmo tempo, cozinha, sala de jantar e de visitas. Há ali uma calma especial, acolhedora e inspiradora.

Próxima ao parque Kampa, a casa está situada em uma área repleta de história e cultura. Às margens do rio Moldava, encontra-se o edifício Sovovy Mlýny, que hoje abriga o Museu Kampa, uma galeria de arte moderna com pinturas de František Kupka e esculturas de Otto Gutfreund. Seguindo em direção à ponte Carlos, destaca-se o edifício neoclássico da Werich Villa e, logo em frente, o Palácio Liechtenstein, com sua grandiosidade barroca.

Não me surpreende que Pavel Roučka seja apaixonado por Malá Strana. Encantado com os esplendores do barroco, descreve essa estética como “um espaço ondulado, uma maravilhosa simbiose entre espírito e matéria”. E eu me pergunto: cercado por tanta beleza e tantas preciosidades, poderia ele ter escolhido outro caminho?

Encontrei Pavel e Daniela em 2024 e conversamos sobre o Brasil, sobre a vida aqui e, principalmente, sobre a próxima exposição. O encontro

## BRASIL E TCHÉQUIA: A ARTE COMO PONTE

ocorreu no charmoso restaurante francês Café Paris. Pavel ama a França, mas, embora tenha sido nomeado cavaleiro pelo governo francês, jamais abandonaria a Tchéquia e Praga, o país onde nasceu e a cidade onde passou a maior parte de sua vida, que são as grandes inspirações de sua arte.

Para suas séries mais recentes, Pavel deixou-se influenciar pelo compositor tcheco Antonín Dvořák, especialmente pelas peças orquestrais *Danças eslavas* e pela ópera *Rusalka*, que em 2024 foi aclamada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Posteriormente, Pavel transformou em telas as obras “Réquiem” e “Stabat Mater”, também de Dvořák.

Zuzana Rybičková, da Galeria de Arte Moderna de Hradec Králové, escreveu sobre o artista: “Pavel Roučka provavelmente nasceu com um lápis na mão. Os desenhos fazem parte de seu ambiente: cercam-no em pedaços de papel, no verso de convites, nas margens de jornais ou nas páginas ainda em branco de um diário”. Eu digo mais: acredito que Pavel nasceu não apenas com um lápis na mão, mas também com pincel e paleta.

É difícil encontrar uma galeria na Tchéquia onde Pavel não tenha exposto. Suas obras já foram admiradas em três continentes, mas na América Latina foram exibidas pela primeira vez apenas em 2024. Desde o início, Pavel mostrou entusiasmo com a ideia de apresentar suas litogravuras e pinturas de grande formato na cidade fundada pelo presidente Juscelino Kubitschek, ele mesmo de ascendência tcheca.

À medida que a preparação da exposição no Centro Cultural Banco do Brasil avançava, o país se aproximava cada vez mais de seu coração. Inspirado pelo transparente mar brasileiro e por sua energia vibrante, Pavel criou, no final de 2024, dois acrí-

licos sobre tela com tons de azul: “Euphoria... Brasil 1” e “Euphoria... Brasil 2”. Essas duas pinturas, porém, não estão na exposição *Kafka em Movimento*, do CCBB de Brasília. Para vê-las, é preciso visitar aquela antiga casa na rua Všešrdova, em Praga.<sup>1</sup>

### PARCERIAS E AGRADECIMENTOS

Em 2017, durante minha atuação como cônsul-geral em São Paulo, realizamos com êxito o projeto *As Descobertas de Jiří Kolář: Colagem e Experimentação*, no Instituto Tomie Ohtake, com a parceria da empresa Terra à Vista e o apoio financeiro da Sellier & Bellot - CBC.

Em 2023, ao retornar ao Brasil como embaixadora em Brasília, foi natural retomar essas colaborações. Para minha satisfação, tanto a Terra à Vista quanto a CBC manifestaram prontamente interesse em colaborar mais uma vez. Agora, em um projeto dedicado a um dos mais proeminentes artistas contemporâneos da Tchéquia, Pavel Roučka, com sua exposição *Kafka em Movimento*, no magnífico CCBB Brasília.

Este projeto, único em tema e alcance na diplomacia tcheca no Brasil, só foi possível graças ao esforço coletivo de entusiastas, admiradores da Tchéquia e de sua rica cultura, além do apoio indispensável de diversas instituições. Assim, este catálogo é uma maneira de perpetuar esse esforço coletivo e homenagear a dedicação dos envolvidos. A todos, os nossos mais sinceros agradecimentos. ■■

### Sra. Pavla Havlíková

Embaixadora da República Tcheca em Brasília



Embaixada da República Tcheca  
em Brasília

O Brasil retomou sua tradicional busca de diálogo, cooperação e integração com o mundo. Nesse processo, a esfera artístico-cultural tem papel relevante, uma vez que o conhecimento de um povo ocorre, sobretudo, por suas manifestações artísticas, que não só retratam sua realidade histórica e social, mas também refletem seus sonhos profundos.

Podemos dizer que a República Tcheca é um país com longa relação com o Brasil: sob o Império Austro-Húngaro, tchecos fizeram parte de expedições científicas às terras brasileiras, assim como milhares de imigrantes etnicamente tchecos se estabeleceram no país no século XIX. Entre eles, o bisavô materno do presidente Juscelino Kubitschek. O Brasil foi o primeiro país latino-americano a reconhecer o novo Estado tchecoslovaco, em 1918, ao final da Primeira Guerra Mundial. Em 1920, a então Tchecoslováquia abriu sua representação no Rio de Janeiro. A Embaixada brasileira foi aberta em Praga em 1921 e, em 1993, o Brasil reconheceu a República Tcheca como país independente.

Em que pese a história compartilhada, o conhecimento mútuo das duas culturas é ainda um campo a ser explorado. Entre escritores e leitores brasileiros, o nome de Franz Kafka é possivelmente o principal ponto de contato. As obras de Kafka foram amplamente traduzidas para o português, sendo objeto de leitura, reflexão e estudos. Ademais, diversos autores brasileiros incorporaram, em algum grau, o estilo kafkiano, como Clarice Lispector, Murilo Rubião, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles e Moacyr Scliar. Também Carlos Drummond de Andrade e Haroldo de Campos tiveram contato com a escrita de Kafka, plena de espaços fechados, onde ressoa uma linguagem interior.

Estou seguro de que a exposição, em Brasília, das obras de Pavel Roučka, relevante artista contemporâneo tcheco que amplia o diálogo com as criações de Franz Kafka, é um passo importante na construção de uma ponte cada vez mais fraterna entre essas duas grandes nações. É, ainda, oportunidade para conhecer melhor não apenas a rica literatura tcheca, mas também o mundo vibrante e audacioso das artes plásticas que emerge como expressão da alma desse povo e de sua história. ■■

### Laudemar Aguiar

Secretário de Promoção Comercial, Ciência, Tecnologia, Inovação e Cultura  
Ministério das Relações Exteriores do Brasil

<sup>1</sup> Neste catálogo, podem ser vistas às páginas 22-3.

# MODERNITY AND SYMBIOSIS BETWEEN TWO WORLDS

It is with great pleasure that I present this catalogue featuring two key elements of Czech culture: the contemporary painting of Pavel Roučka, and the literature of Franz Kafka.

The idea of introducing Pavel Roučka's work to the Brazilian public took shape long before I arrived in Brazil. Bringing Czech contemporary art into the context of Brasília's modernist architecture feels both natural and deeply stimulating. Making it a reality was only possible thanks to the dedication of many people, and to the fortunate alignment of circumstances.

This Project crowns the celebrations for the centenary of Franz Kafka's death and marks the beginning of a new cultural cycle, celebrating 105 years of diplomatic relations between the Czech Republic and Brazil.

## HISTORICAL CONNECTIONS

The ties between the Czech Republic and Brazil are almost as old as Brazil's history as a Portuguese colony. In 1506, just a few years after Pedro Álvares Cabral's arrival at Monte Pascoal, in what is now the state of Bahia, the first written account of the country was published in Czech lands – the translation of the letter by navigator Amerigo Vespucci. Soon after, maps and illustrations offered visual depictions of what was then known as Terra de Vera Cruz.

In 1691, the Jesuit Samuel Fritz created the first detailed map of the Amazon River and its basin.

In the following centuries, Brazil's fauna and flora inspired illustrations in books, tapestries, and paintings, many of which have been preserved and are still admired throughout the Czech Republic. From 1720 onwards, the Jesuits introduced in Brazil the devotion to Czech Saint John Nepomucene. And while Brazil houses images of the Infant Jesus of Prague, Czech Republic displays representations of Our Lady of Aparecida.

Interest in Brazil grew in the first half of the 19th century, when Archduchess Maria Leopoldina of Austria married Pedro I. Researchers and artists, such as Johann Christian Mikan and Johann Emanuel Pohl, captured Brazil's natural wealth and way of life in texts and engravings. For the Czechs of that time, these works helped spread knowledge about Brazil's nature and culture.

With the advent of photography, travellers began documenting indigenous territories, disseminating unique aspects of Latin America in the early 20th century. Traveller Enrique Stanko Vráz, for example, was the first to capture the indigenous territory of upper Rio Negro, publishing a book on the subject in 1900. Meanwhile, Alberto Vojtěch Frič became one of the foremost promoters of Latin America within early 20th-century Czech circles.

The painter Ferdinand Krumholz, who arrived in Rio de Janeiro in 1848, created over a hundred portraits of the royal family and members of Brazilian society. Other artists also left their mark, such as Francis Pelichek, a painter and illustrator based in Porto Alegre in the 1920s; Jan Zach, who produced important works in Rio de Janeiro, Penedo and Cataguases in the 1940s; and Franta Reyl, who vividly captured Brazilian life in his paintings while living

*“Art speaks for the human being,  
for nations, for humanity”*

Josef Čapek

in Teresópolis during World War II. Later on, Milan Dusek also contributed to Brazilian art during the 1960s in Brasília.

Another prominent name is Vladimír Kozák, an ethnographer, photographer, and documentarian. Between 1948 and 1978, he built an extensive collection of images, films, and texts on indigenous peoples, now preserved at the Museu Paranaense, in the city of Curitiba, and listed as part of UNESCO's Memory of the World Programme.

Since 1947, Czech audiences have gained access to exhibitions showcasing Brazilian artists such as Tarsila do Amaral, Alfredo Volpi, and Candido Portinari. Cultural collaboration intensified with Czechoslovakia's participation in the São Paulo Biennial in 1957, featuring the works of Max Švabinský, Emil Fila, and Josef Čapek, along with Brazilian contributions to the Prague Quadrennial. This exchange reached its peak in 2023, when the exhibition Encruzilhadas: We believe in crossroads was granted one of the awards.

Mutual interest has been reflected in numerous artistic projects over the past decade. In São Paulo, audiences had the opportunity to admire the works of Alfons Mucha as well as Josef Koudelka's photographs of the Prague Spring (1968). With the support of the Czech Ministry of Foreign Affairs, exhibitions featuring illustrator Jiří Voves and the Czech Press Photo works were organized. Exhibitions showcasing Karel Čapek and Franz Kafka were also held. One of the most significant achievements was the exhibition of Jiří Kolář's collages at the Tomie Ohtake Institute, in São Paulo. Today, the photographs of Sebastião Salgado stand out in the Czech Republic.

Over the last three years, Czech diplomacy in Bra-

zil has increasingly focused on architecture and modern art. Inspired by Kafka's works – particularly The Castle – Pavel Roučka's exhibition **Kafka em Movimento** (Kafka in Motion) naturally aligns with this effort, highlighting one of the most prominent figures in contemporary Czech art.

## PAVEL ROUČKA

I became acquainted with Pavel Roučka's work years before I met him in person. My husband's family has had a long-standing friendship with Pavel and his wife, Daniela Flejšarová, one of the most influential contemporary Czech costume designers.

I first met them in 1997 at their home – an elegant, centuries-old house on Všešrdova road, in the Malá Strana district, the heart of Prague. We made our way up the stairs to a space that serves as a kitchen, a dining room, and a lounge room all in one. There is a unique sense of calm there, that is both warm and inspiring.

Next to Kampa Park, the house sits in an area rich in history and culture. Along the Vltava River stands the Sovovy Mlýny building, home to the Kampa Museum, a modern art gallery featuring paintings by František Kupka and sculptures by Otto Gutfreund. Heading towards Charles Bridge, the Werich Villa and its neo-classical style stand out, with the grand Baroque Liechtenstein Palace just opposite.

It does not surprise me that Pavel Roučka is fascinated by Malá Strana. Enchanted by the Baroque splendor, he describes the aesthetic as 'a flowing space, a marvelous symbiosis between spirit and matter'. And I can't help but wonder: surrounded by such beauty and so many treasures, could he have chosen a different path?

I met with Pavel and Daniela in 2024 when we discussed Brazil, life here, and, most importantly, the upcoming exhibition. Our meeting took place at the charming French restaurant Café Paris. Pavel loves France, and despite having been knighted by the French government, he would never leave the Czech

Republic or Prague – the country of his birth and the city where he spent most of his life, both deeply entwined with his art.

For his latest series, Pavel drew inspiration from Czech composer Antonín Dvořák, particularly the orchestral composition Slavonic Dances and the opera Rusalka, highly acclaimed by the audience in 2024 at the Theatro Municipal in Rio de Janeiro. He later brought Dvořák's Requiem and Stabat Mater to life on canvas.

Zuzana Rybičková, from the Gallery of Modern Art in Hradec Králové, once noted: 'Pavel Roučka was probably born with a pencil in his hand. He is surrounded by drawings – they fill scraps of paper, the backs of invitations, the margins of newspapers, or the blank pages of a journal.' I would take it a step further: I believe he was born not just with a pencil, but also with a brush and palette in hand.

It's rare to find a gallery in the Czech Republic where Pavel hasn't exhibited. His works have been celebrated across three continents, yet it wasn't until 2024 that they made their debut in Latin America. From the outset, Pavel was eager to showcase his large-format paintings and lithographs in the city founded by president Juscelino Kubitschek, who shared his Czech heritage.

As preparations for the exhibition at the Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) moved forward, Brazil grew closer to his heart. Inspired by the country's crystal-clear seas and vibrant energy, Pavel created two acrylics on canvas in shades of blue at the end of 2024: Euphoria... Brasil 1 and Euphoria... Brasil 2. However, these two paintings are not

part of the exhibition **Kafka em Movimento** (Kafka in Motion), at the CCBB in Brasília. To see them, you will need to visit that charming house on Všešrdova road, in Prague.<sup>1</sup>

#### COLLABORATIONS AND ACKNOWLEDGEMENTS

In 2017, while serving as Consul General in São Paulo, we successfully launched the project As Descobertas de Jiří Kolář: Colagem e Experimentação (The Discoveries of Jiří Kolář: Collage and Experimentation), at the Tomie Ohtake Institute, in collaboration with Terra à Vista and with sponsorship from Sellier & Bellot – CBC.

In 2023, when I returned to Brazil as Ambassador in Brasília, it felt natural to reconnect with these partners. To my delight, both Terra à Vista and CBC quickly expressed their interest in collaborating once again, this time on a project dedicated to one of the Czech Republic's most prominent contemporary artists, Pavel Roučka, showcasing his **Kafka em Movimento** exhibition at the magnificent CCBB in Brasília.

This project, unique in both theme and scope within Czech diplomacy in Brazil, would not have been possible without the collective effort of enthusiasts and admirers of the Czech Republic and its rich culture, along with the valuable support of several institutions. This catalogue preserves that collective effort and celebrates the dedication of those involved. Our sincerest thanks to all. ■

**Mrs. Pavla Havlíková**

Ambassador of the Czech Republic in Brasília



Embaixada da República Tcheca  
em Brasília

## BRAZIL AND THE CZECH REPUBLIC: ART AS A BRIDGE BETWEEN CULTURES

Brazil has actively renewed its commitment to dialogue, cooperation, and integration with the world. In this process, art and culture play a vital role, as it is through artistic expressions that a people or nation can be truly understood. These expressions not only capture their historical and social reality but also offer a glimpse into their deepest dreams and aspirations.

We can safely say that the Czech Republic has a long history with Brazil: Many Czechs took part in scientific expeditions in Brazil under the Austro-Hungarian Empire, and thousands of Czech immigrants settled in the country in the 19th century. Among them was the maternal great-grandfather of president Juscelino Kubitschek.

Brazil was the first Latin American country to recognize the new Czechoslovak state in 1918, at the end of World War I. In 1920, the former Czechoslovakia established its representation in Rio de Janeiro, and, in 1921, Brazil opened its Embassy in Prague. In 1993, Brazil officially recognized the Czech Republic as an independent nation.

Although they share a common history, the cross-cultural familiarity between both countries remains an area yet to be explored. For Brazilian writers and readers, the name of Franz Kafka is likely the most significant point of connection.

Kafka's works have been extensively translated into Portuguese, sparking deep engagement through reading, reflection, and a wide range of studies. His influence can be seen in the works of Brazilian writers such as Clarice Lispector, Murilo Rubião, José J. Veiga, Lygia Fagundes Telles, and Moacyr Scliar. Carlos Drummond de Andrade and Haroldo de Campos were also drawn to Kafka's style, with its enclosed spaces where an inner language resonates.

I am confident that the exhibition of Pavel Roučka's works – a prominent contemporary Czech artist who expands the dialogue with Franz Kafka's creations – marks an important step in building an ever-stronger bond between these two great nations. The exhibition also offers a unique opportunity to explore not only Czech literature but also its vibrant and bold visual arts, which serve as a powerful expression of the soul of its people and their remarkable history. ■

**Laudemar Aguiar**

Secretary of Trade Promotion, Science, Technology, Innovation and Culture  
Ministry of Foreign Affairs of Brazil

<sup>1</sup> In this catalog, they can be seen on pages 22–23.



**ROUČKAFAK**  
KAFKA EM MOVIMENTO

**PINTURAS**  
**PAINTINGS**

**Frieda (F. Kafka – O castelo)**  
**Frieda (F. Kafka – Castle)**  
1989-2024

Suas mãos eram, com efeito, pequenas e delicadas, mas poderiam igualmente ser descritas como frágeis e insignificantes.

— Antes ninguém prestou atenção nelas — disse ela — e mesmo agora...

K. olhou-a interrogativamente, ela sacudiu a cabeça e não quis mais continuar conversando.

— Naturalmente — disse K. — tem os seus segredos e não quer falar deles com ninguém que conhece faz meia hora e que ainda não teve a oportunidade de lhe contar como realmente se passam as coisas com ele. (...)

— No que lhe diz respeito, sei de tudo: é o agrimensor. Depois acrescentou:

— Mas agora eu preciso trabalhar.

E foi para o seu lugar atrás do balcão, enquanto aqui e ali uma das pessoas se levantava para pedir que ela enchesse seu copo.

K. quis falar mais uma vez com ela de maneira discreta; por isso retirou um copo vazio de uma prateleira e dirigiu-se a ela:

**— Só mais uma coisa, senhorita Frieda — disse ele. — É necessária uma força extraordinária e escolhida a dedo para chegar de criada de estrebaria a uma moça de balcão, mas será que com isso essa pessoa alcançou o alvo definitivo?**

Pergunta sem sentido, esta. Os seus olhos, senhorita Frieda, não zombe de mim, não falam tanto da luta passada, mas da futura. As resistências do mundo, porém, são grandes, serão maiores com os objetivos maiores, e não é nenhuma vergonha garantir a ajuda até de um pequeno homem sem influência mas igualmente lutador. Talvez possamos ainda falar um com o outro em tranquilidade, sem tanta gente olhando.

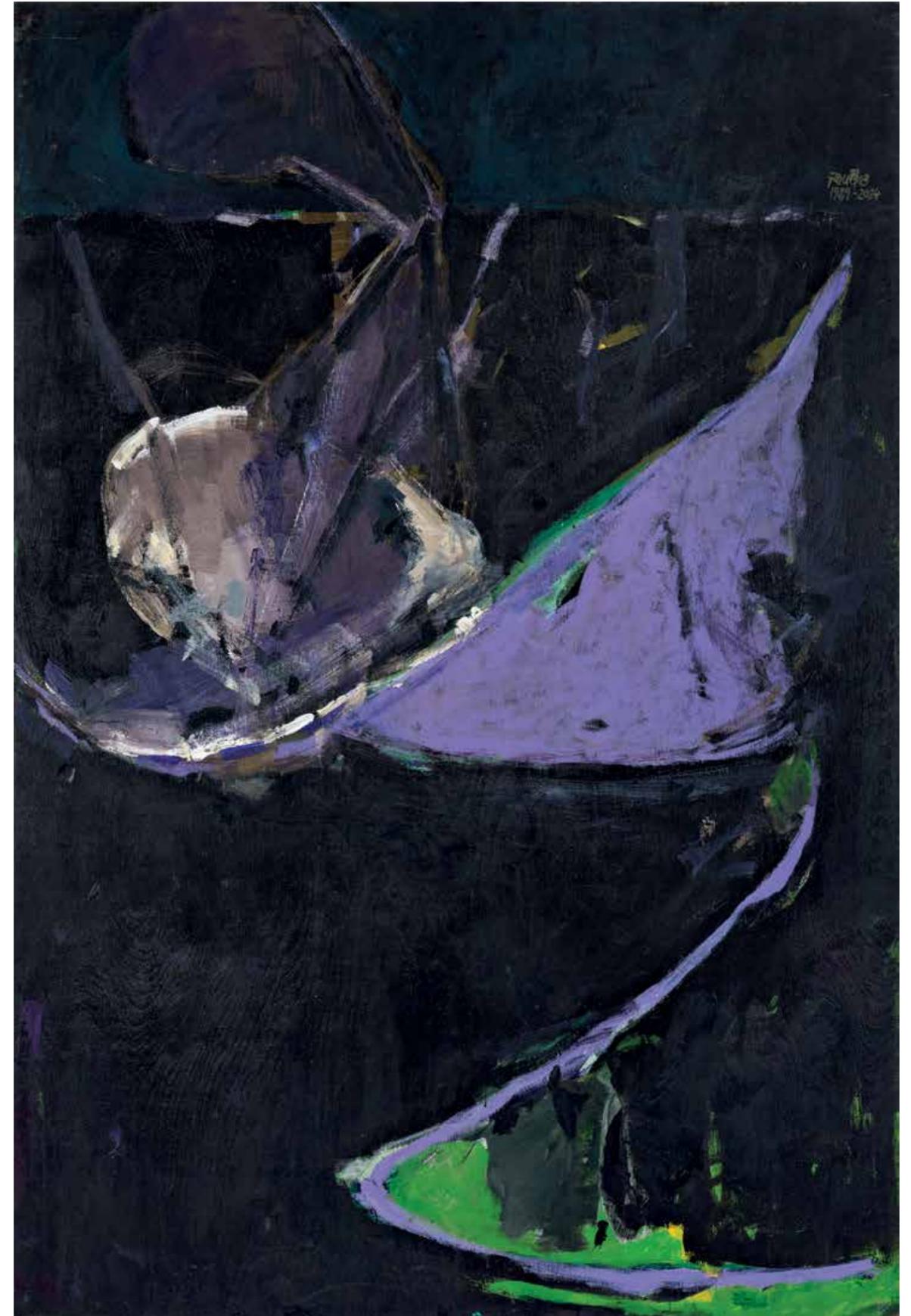
Franz Kafka, *O castelo*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 48-9.

*"With those soft hands," said K., half questioning, and not sure himself whether he was merely flattering her or she had really made a conquest of him. "No one ever noticed them at the time," she said, "and even now—" K. looked enquiringly at her, but she shook her head and would say no more. "Of course you have your secrets," said K., "and you won't discuss them with someone you've known for only half an hour, and who has had no chance to tell you anything about himself yet." But that, it turned out, was the wrong thing to say; it was as if he had woken Frieda from a slumber in which she liked him, for she took a small piece of wood out of the leather bag that hung from her belt, stopped up the peephole with it, and said to K., visibly forcing herself not to let him see how her mood had changed: "As for you, I know everything about you. You are the land surveyor." And she added: "But now I must get on with my work," and went back behind the counter, while now and then one of the men here rose to have his empty glass refilled. K. wanted another quiet word with her, so he took an empty glass from a stand and went over to her.*

***"One more thing, Miss Frieda," he said, "it's extraordinary, and takes great strength of mind, to work your way up from dairymaid to barmaid, but is that the height of ambition for a person like you?"***

*No, what a silly question. Your eyes — don't laugh at me, Miss Frieda — speak not so much of past struggles as of struggles yet to come. But there are great obstacles in the world, they become greater the greater your goals, and there's nothing to be ashamed of in making sure you have the help of a man who may be small and uninfluential, but is none the less ready to fight. Perhaps we could talk quietly some time, without so many eyes watching us."*

Franz Kafka, *The Castle*, trans. Anthea Bell. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009, p. 37.



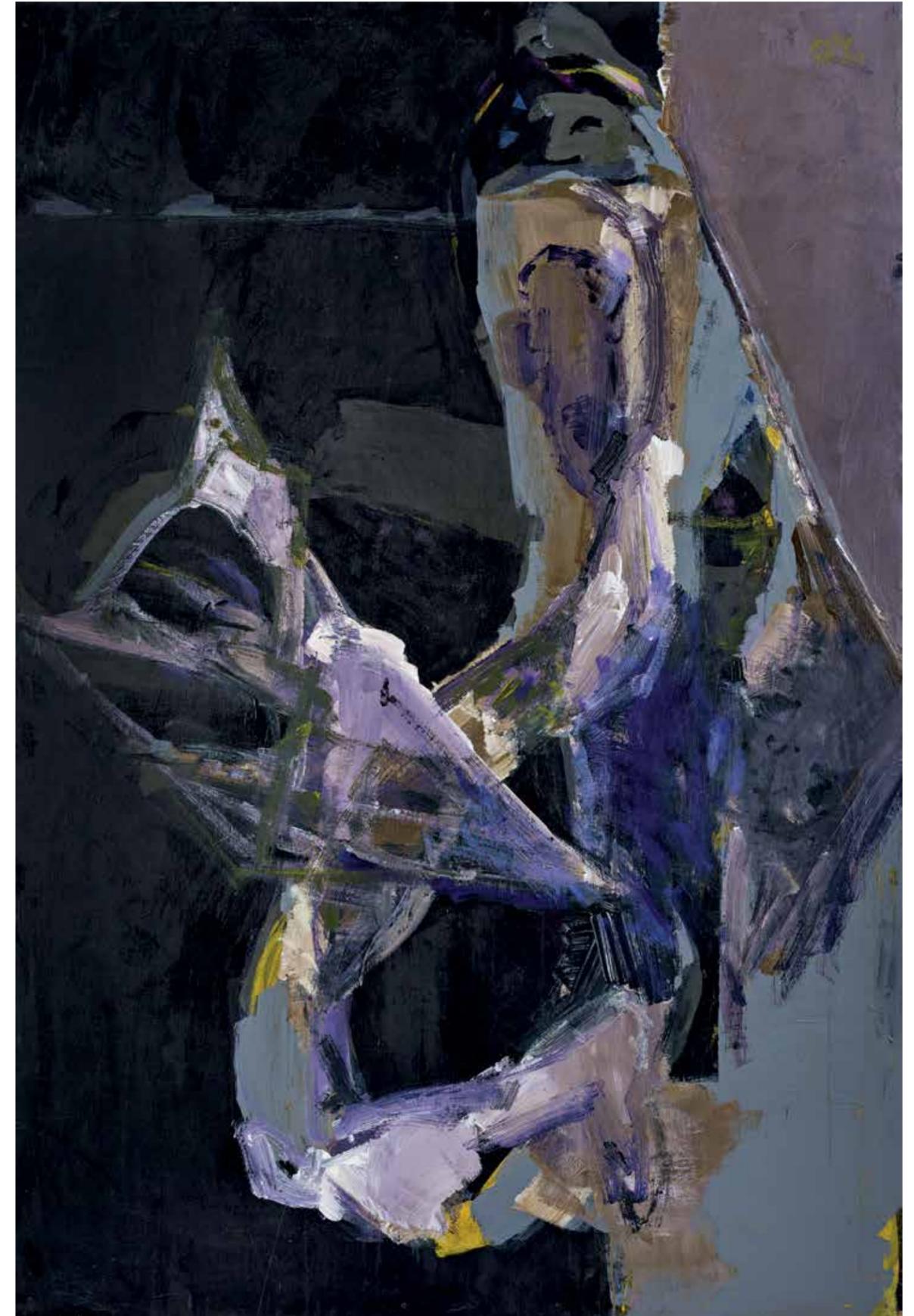
**O agrimensor (F. Kafka – O castelo)**  
**Surveyor (F. Kafka – Castle)**  
1989-2024

O castelo, cujos contornos já principiavam a se desvanecer, permanecia silencioso como sempre, nunca ainda K. tinha visto o menor sinal de vida nele, talvez não fosse possível reconhecer alguma coisa daquela distância e no entanto os olhos exigiam isso e não queriam suportar a quietude. Quando K. fitava o castelo, às vezes era como se observasse alguém que estivesse calmamente sentado ali e dirigisse o olhar para a frente, não porventura perdido nos próprios pensamentos e com isso fechado a tudo, mas sim livre e despreocupado: como se estivesse sozinho e ninguém o observasse. Tinha no entanto de notar que era observado, sem que isso afetasse o mínimo que fosse sua tranquilidade; na realidade — não se sabia se era a causa ou a consequência — os olhares do observador não podiam se fixar e se desviavam. Essa impressão estava hoje mais reforçada pela escuridão prematura: **quanto mais ele fitava, tanto menos reconhecia, tanto mais fundo tudo mergulhava no crepúsculo.**

Franz Kafka, *O castelo*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 116.

*The castle, its outline already beginning to blur, lay as still as always. K. had never seen the slightest sign of life there. Perhaps it wasn't possible to make anything out from this distance, yet his eyes kept trying and wouldn't accept that it could lie so still. When K. looked at the castle he sometimes thought he saw someone sitting quietly there, looking into space, not lost in thought and thus cut off from everything else, but free and at ease, as if he were alone and no one was observing him. He must notice that he himself was under observation, but that didn't disturb him in the slightest, and indeed—it was hard to tell whether this was cause or effect—the observer's eyes could find nothing to fasten on, and slipped away from the figure. This impression was reinforced today by the early coming of darkness. **The longer he looked, the less he could make out, and the further everything receded into the twilight.***

Franz Kafka, *The Castle*, trans. Anthea Bell. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009, p. 88.



**Os dois assistentes  
do agrimensor K. (F. Kafka - O castelo)**  
**Two assistants of the surveyor K.**  
2013

— Você continua jejuando? — perguntou o inspetor. — Afinal quando vai parar?

— Peço desculpas a todos — sussurrou o artista da fome; só o inspetor, que estava com o ouvido colado às grades, o entendia.

— Sem dúvida — disse o inspetor, colocando o dedo na testa, para indicar aos funcionários, com isso, o estado mental do jejuador. — Nós o perdoamos.

— Eu sempre quis que vocês admirassem meu jejum — disse o artista da fome.

— Nós admiramos — retrucou o inspetor. — Por que não haveríamos de admirar?

— Mas não deviam admirar — disse o jejuador.

— Bem, então não admiramos — disse o inspetor. — Por que é que não devemos admirar?

— Porque eu preciso jejuar, não posso evitá-lo — disse o artista da fome.

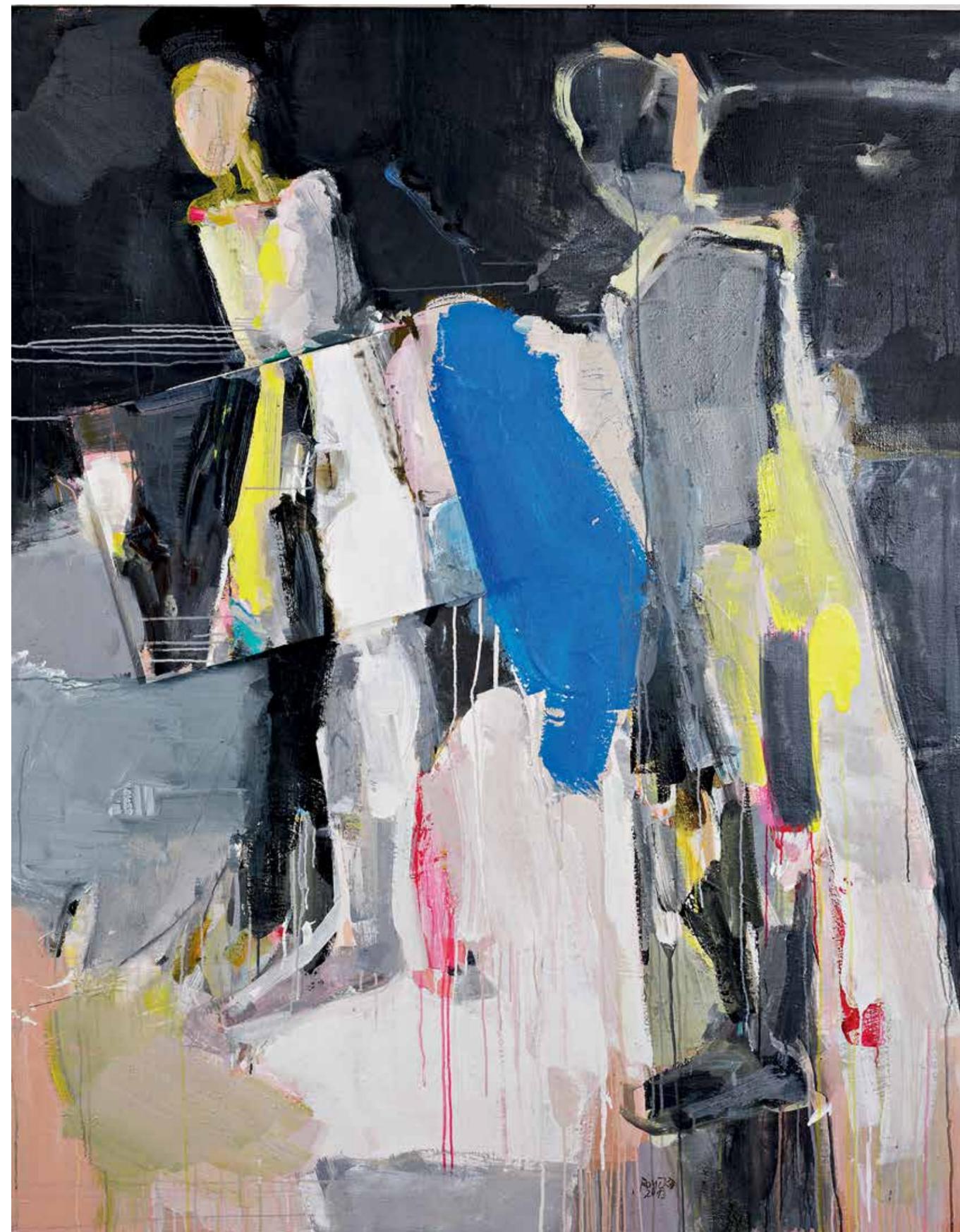
— Bem se vê — disse o inspetor. — E por que não pode evitá-lo?

— Porque eu — disse o jejuador, levantando um pouco a cabecinha e falando dentro da orelha do inspetor com os lábios em ponta, como se fosse um beijo, para que nada se perdesse. — Porque eu não pude encontrar o alimento que me agrada. Se eu o tivesse encontrado, pode acreditar, não teria feito nenhum alarde e me empanturrado como você e todo mundo.

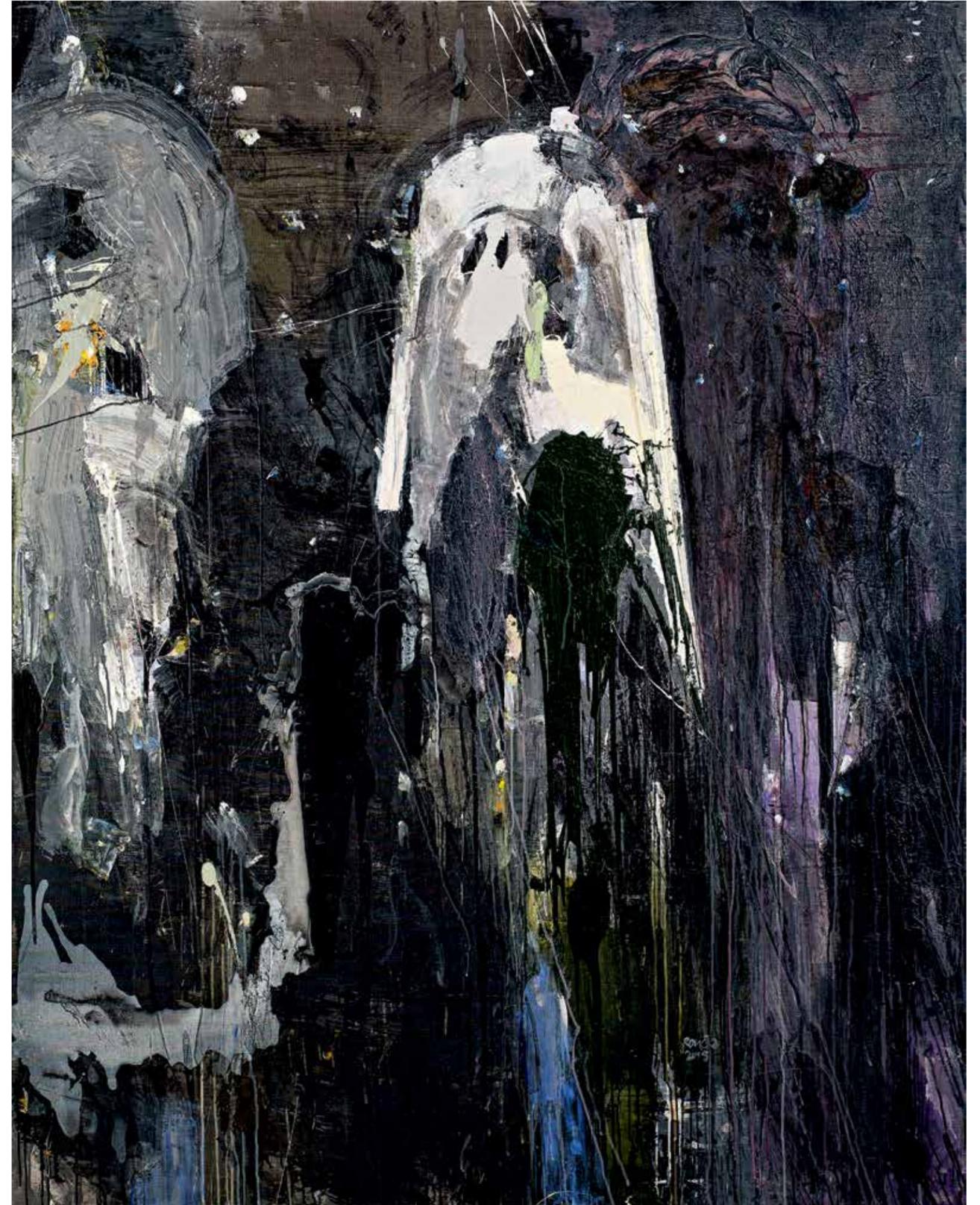
Franz Kafka, "Um artista da fome", in *Um artista da fome & A construção*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 18-9.

*"Are you still fasting?" asked the overseer, "when on earth do you mean to stop?" "Forgive me, everybody," whispered the hunger artist; only the overseer, who had his ear to the bars, understood him. "Of course," said the overseer, and tapped his forehead with a finger to let the attendants know what state the man was in, "we forgive you." "I always wanted you to admire my fasting," said the hunger artist. "We do admire it," said the overseer, affably. "But you shouldn't admire it," said the hunger artist. "Well then we don't admire it," said the overseer, "but why shouldn't we admire it?" "Because I have to fast, I can't help it," said the hunger artist. "What a fellow you are," said the overseer, "and why can't you help it?" "Because," said the hunger artist, lifting his head a little and speaking, with his lips pursed, as if for a kiss, right into the overseer's ear, so that no syllable might be lost, "because I couldn't find the food I liked. If I had found it, believe me, I should have made no fuss and stuffed myself like you or anyone else."*

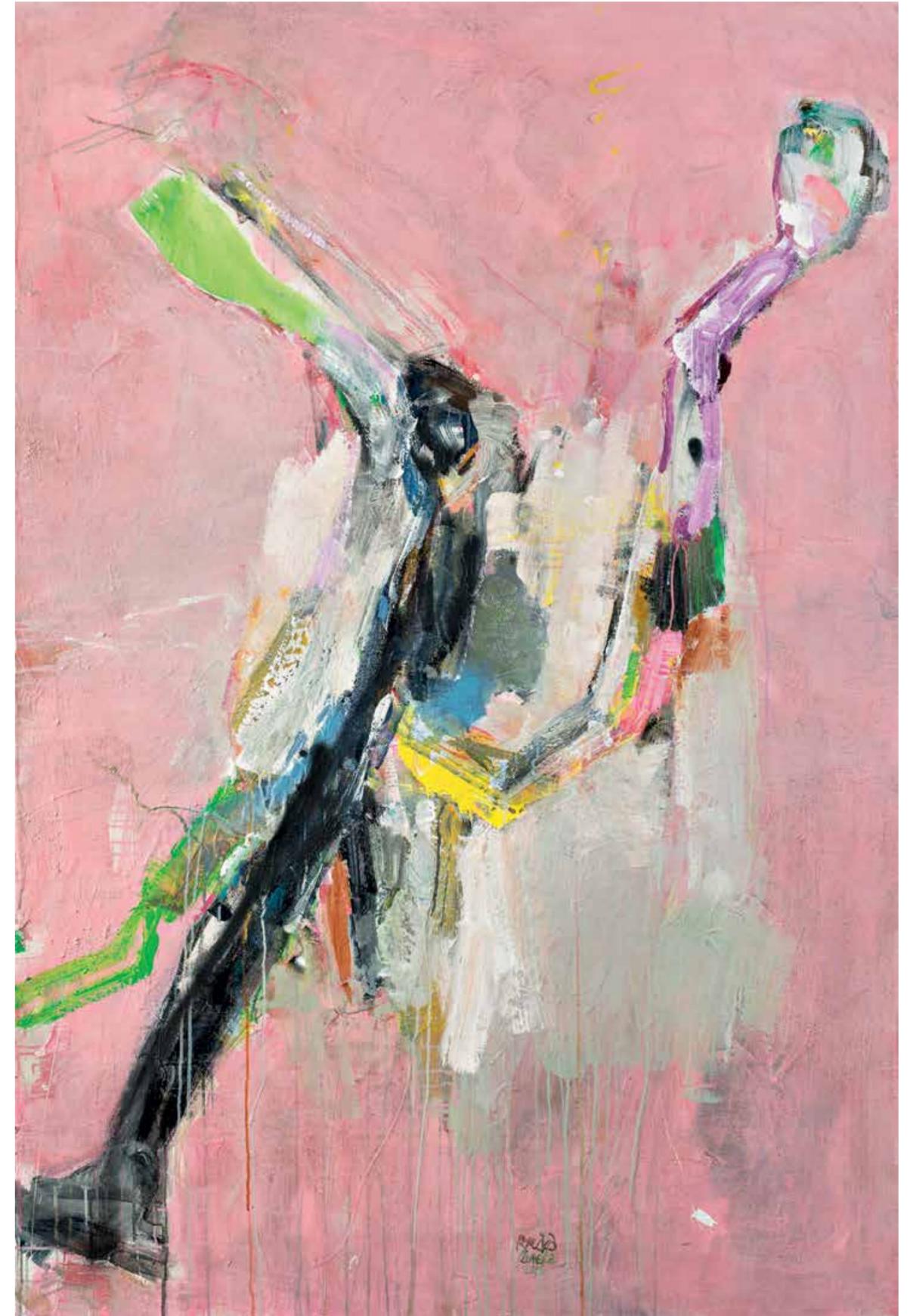
Franz Kafka, "A Hunger Artist", trans. Willa and Edwin Muir, in Nahum N. Glatzer (ed.), *The Complete Stories*. New York: Schocken Books, 1971, p. 309.



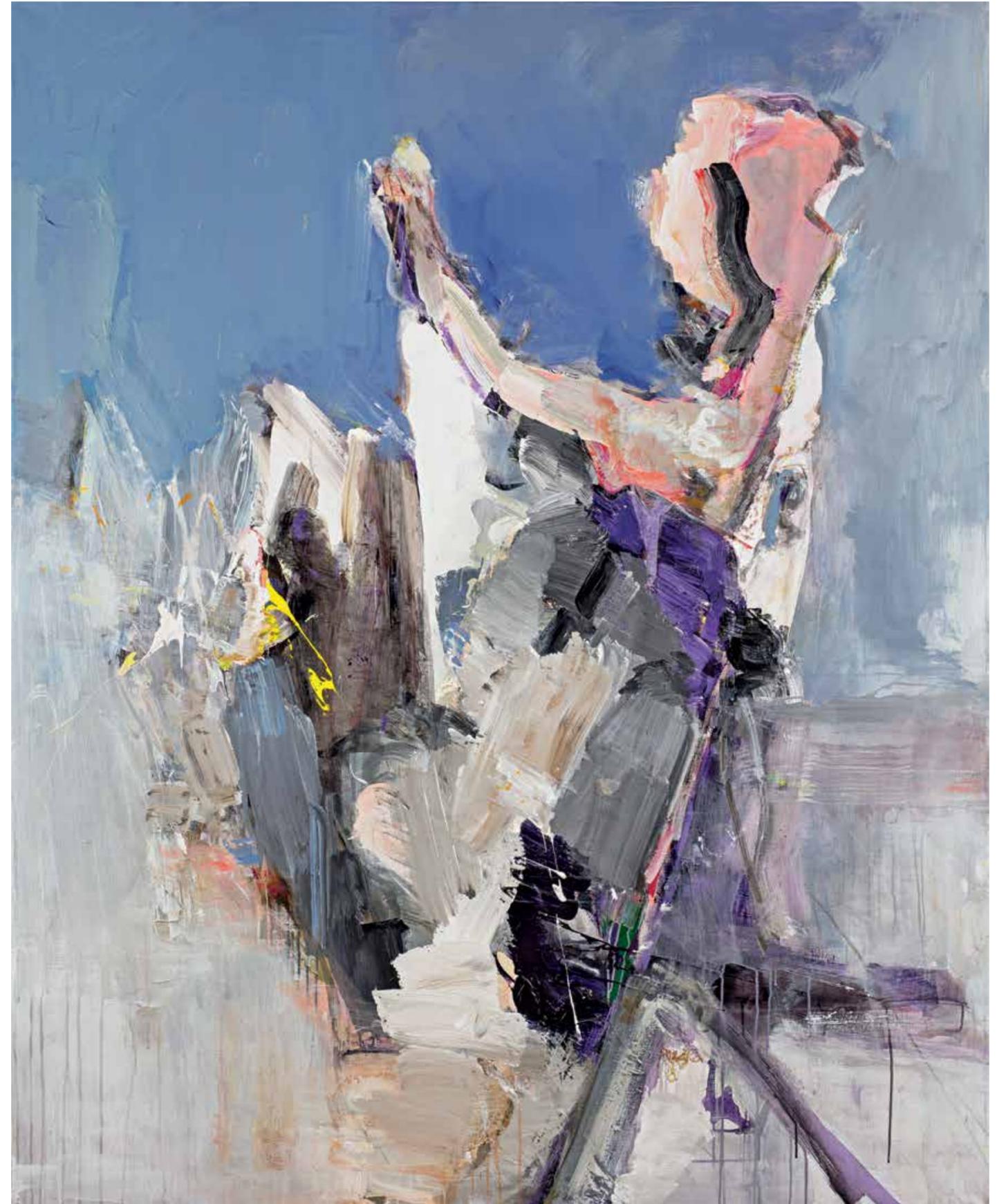
Gruta (Ermitério de Francisco de Assis, Porciúncula)  
Grotto (Hermitage of Franziskus d'Assisi, Porziunkola)  
2015



**Algumas figuras frente a frente**  
*Some figures across each other*  
2016



Criança sobretudo  
*Kid over all*  
2018



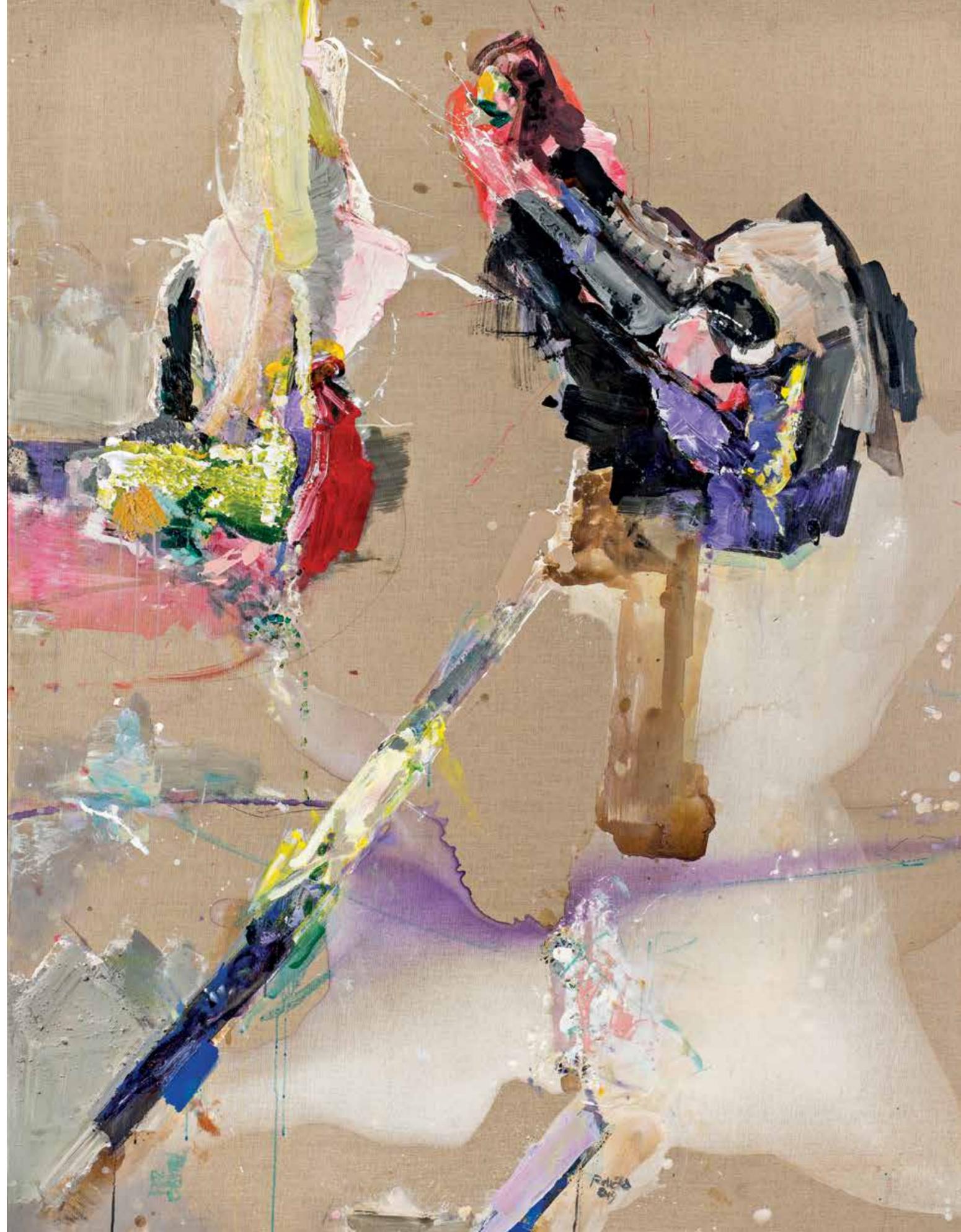
F. K. em Veneza  
F. K. in Venezia  
2019

A Alemanha declarou guerra à Rússia. — À tarde, natação.

Franz Kafka, *Diários: 1909-1923*, trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021, p. 387.

*Germany has declared war on Russia. — Swimming school in the afternoon.*

Franz Kafka, *The Diaries*, trans. Ross Benjamin. New York: Schocken Books, 2023.



**Sobre o agrimensor K. (Esperma dos dias)**  
**About the surveyor K. (Sperm of the Days)**  
2022

Antes eu não entendia por que não recebia nenhuma resposta à minha pergunta, hoje não entendo como podia acreditar que era capaz de perguntar. Mas realmente não acreditava, só perguntava.

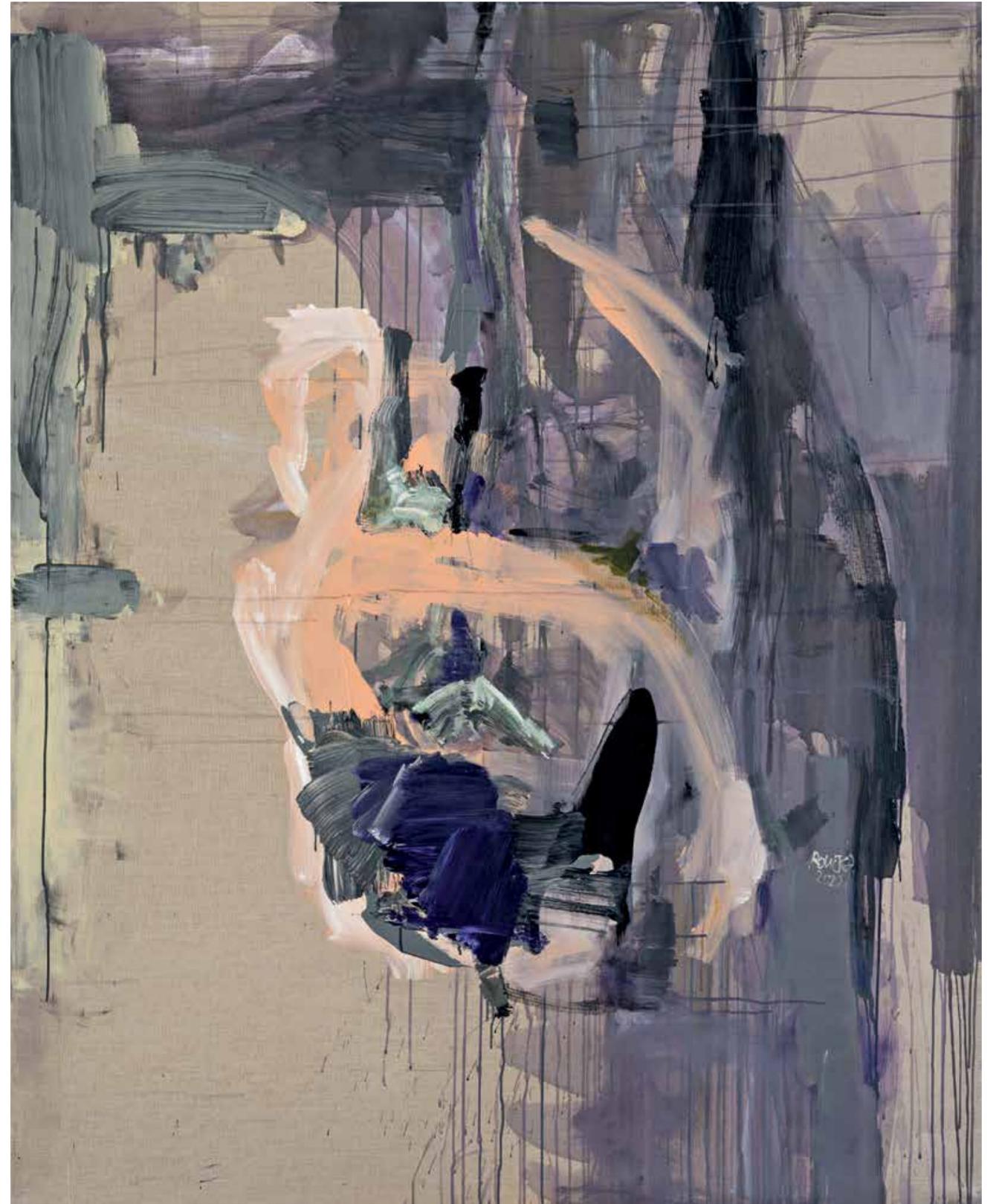
Franz Kafka, aforismo 36, in *Aforismos reunidos*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 41.

*In the past I didn't understand why I got no answer to my question; today I don't understand how I could believe I was entitled to ask. But I didn't really believe, I only asked.*

Franz Kafka, in Reiner Stach (org.), *The Aphorisms of Franz Kafka*, trans. Shelley Frisch. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2022, p. 72.



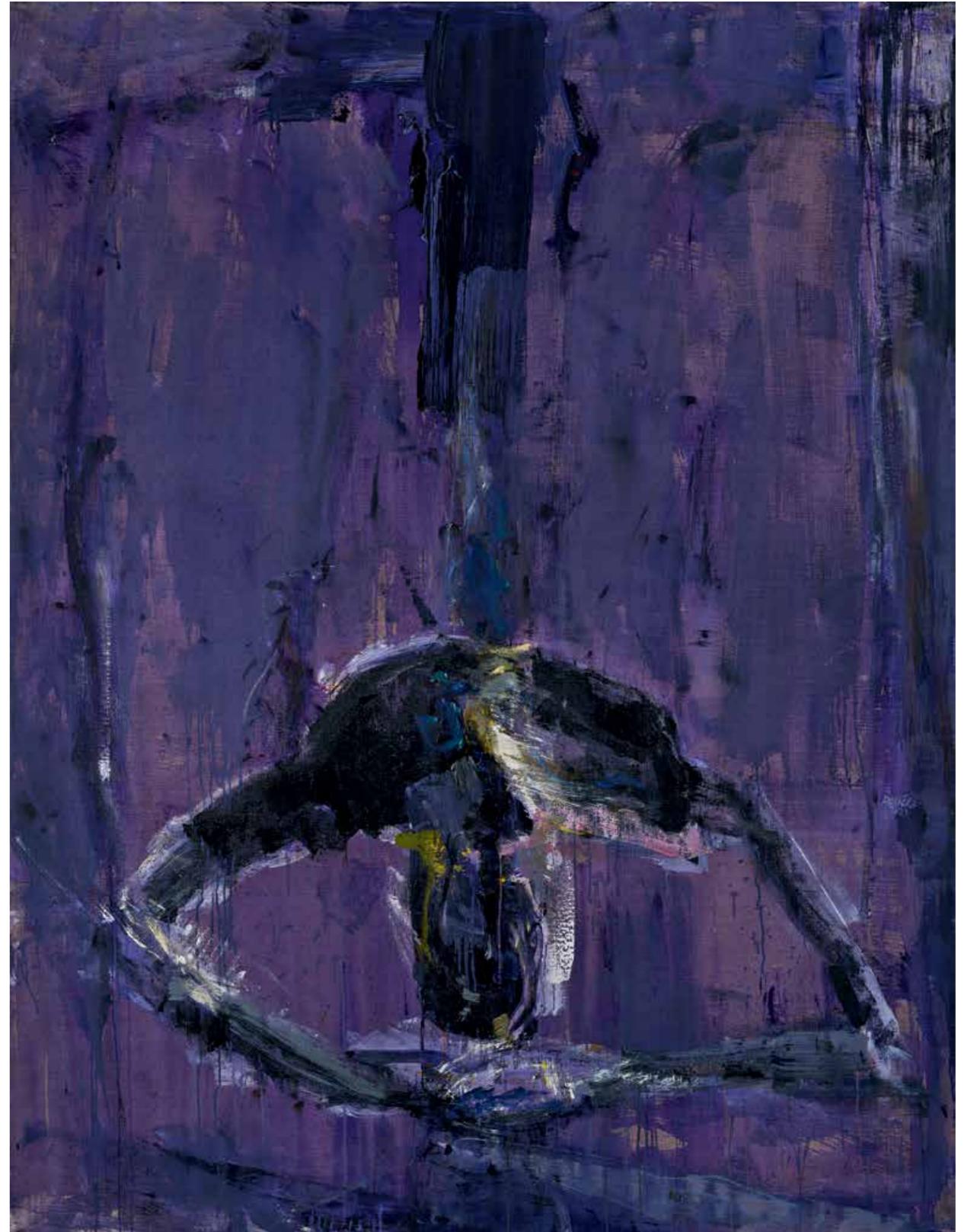
Homem feliz 1  
*Happy man 1*  
2022



Homem feliz 2  
Happy man 2  
2022



**Cabeça deitada (F. K.)**  
**Head lying down (F. K.)**  
2023



**Menina feliz (Frieda) F. Kafka 1**  
**Happy girl (Frieda) F. Kafka 1**  
2023

Eles se abraçaram, o pequeno corpo ardia nas mãos de K., eles rolaram, num estado de esquecimento do qual K. tentava continua mas inutilmente se livrar; alguns passos à frente, bateram surdamente na porta de Klamm e depois ficaram deitados nas pequenas poças de cerveja e outras sujeiras que cobriam o chão. **Ali passaram-se as horas, horas de respiração confundida, de batidas comuns do coração, horas nas quais K. tinha sem parar o sentimento de que se perdia ou estivesse numa terra estranha como ninguém antes dele, uma terra estranha na qual até o ar não tinha nada de familiar e em cujas tentações sem sentido não era possível fazer nada senão ir em frente e continuar se perdendo.** Assim, para ele, pelo menos no início, não foi um susto, mas um chegar consolador à consciência (...).

— O que você fez? — disse ele para si mesmo. — Estamos ambos perdidos.

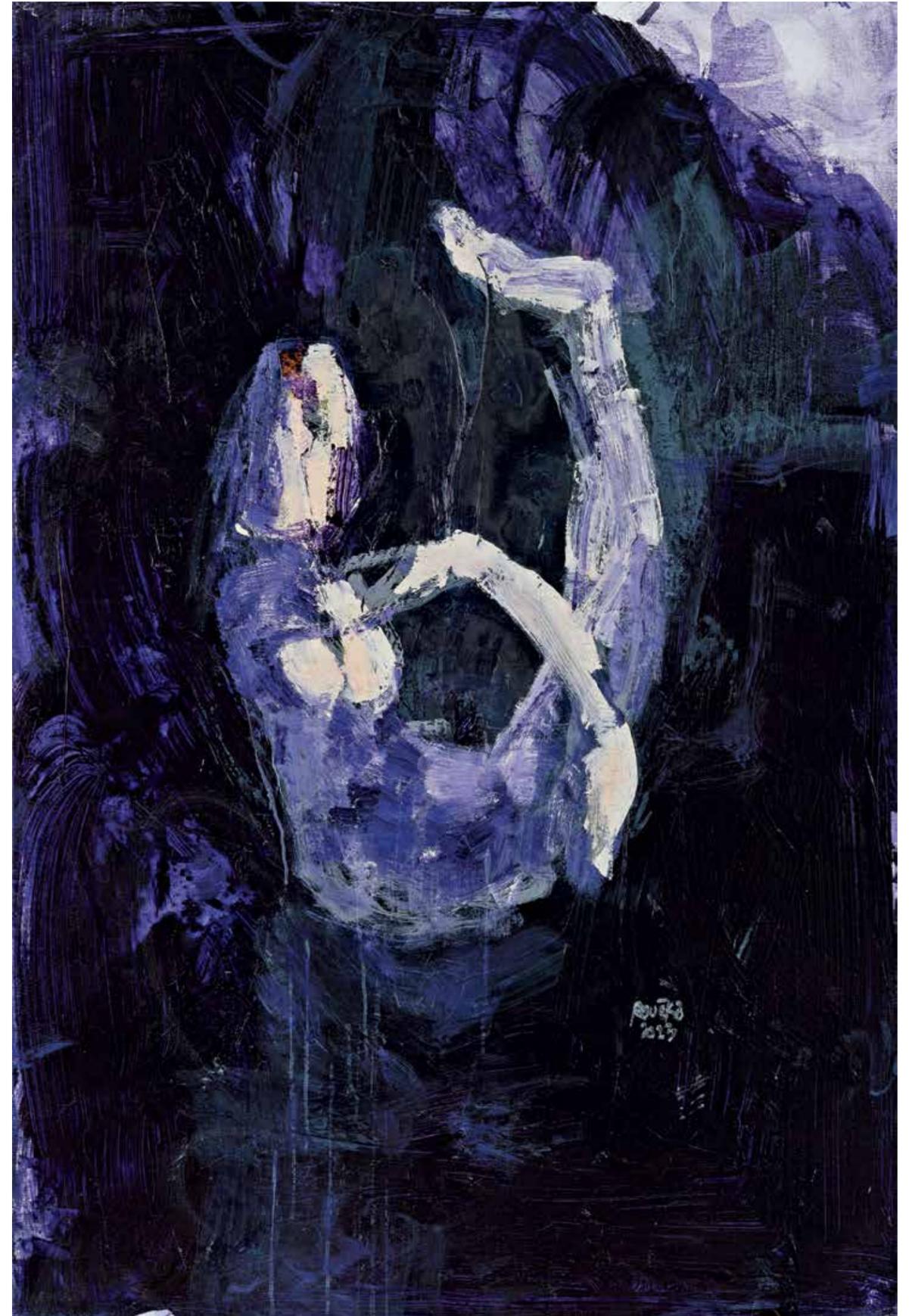
— Não — disse Frieda. — Só eu estou perdida, mas conquistei você. (...)

Franz Kafka, *O castelo*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 52-3.

*They embraced one another, her little body burned in K.'s hands, they rolled, in a semi-conscious state from which K. tried constantly but unsuccessfully to surface, a little way on, bumped into Klamm's door with a hollow thud, then lay there in the puddles of beer and the rubbish\* covering the floor. Hours passed as they lay there, hours while they breathed together and their hearts beat in unison, hours in which K. kept feeling that he had lost himself, or was further away in a strange land than anyone had ever been before, a distant country where even the air was unlike the air at home, where you were likely to stifle in the strangeness of it, yet such were its senseless lures that you could only go on, losing your way even more. (...)*

*"What have you done?" he asked quietly. "We're both lost." "No," said Frieda, "I'm the one who's lost, but I've gained you."*

Franz Kafka, *The Castle*, trans. Anthea Bell. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009, pp. 40-1.



**Menina feliz (Frieda) F. Kafka 2**  
**Happy girl (Frieda) F. Kafka 2**  
2023

Existem dois pecados capitais, dos quais todos os outros derivam: impaciência e indolência. Por causa da impaciência os homens foram expulsos do paraíso, por causa da indolência eles não voltam. Mas talvez só exista um pecado capital: a impaciência. Por causa da impaciência eles foram expulsos, por causa dela eles não voltam.

Franz Kafka, aforismo 3, in *Aforismos reunidos*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 10.

*There are two cardinal human sins, from which all others derive: impatience and laxity. Impatience got them expelled from Paradise; indolence keeps them from returning. Perhaps, though, there is only one cardinal sin: impatience. Impatience got them expelled; impatience keeps them from returning.*

Franz Kafka, in Reiner Stach (org.), *The Aforisms of Franz Kafka*, trans. Shelley Frisch. Princeton/Oxford : Princeton University Press, 2022, p. 23.



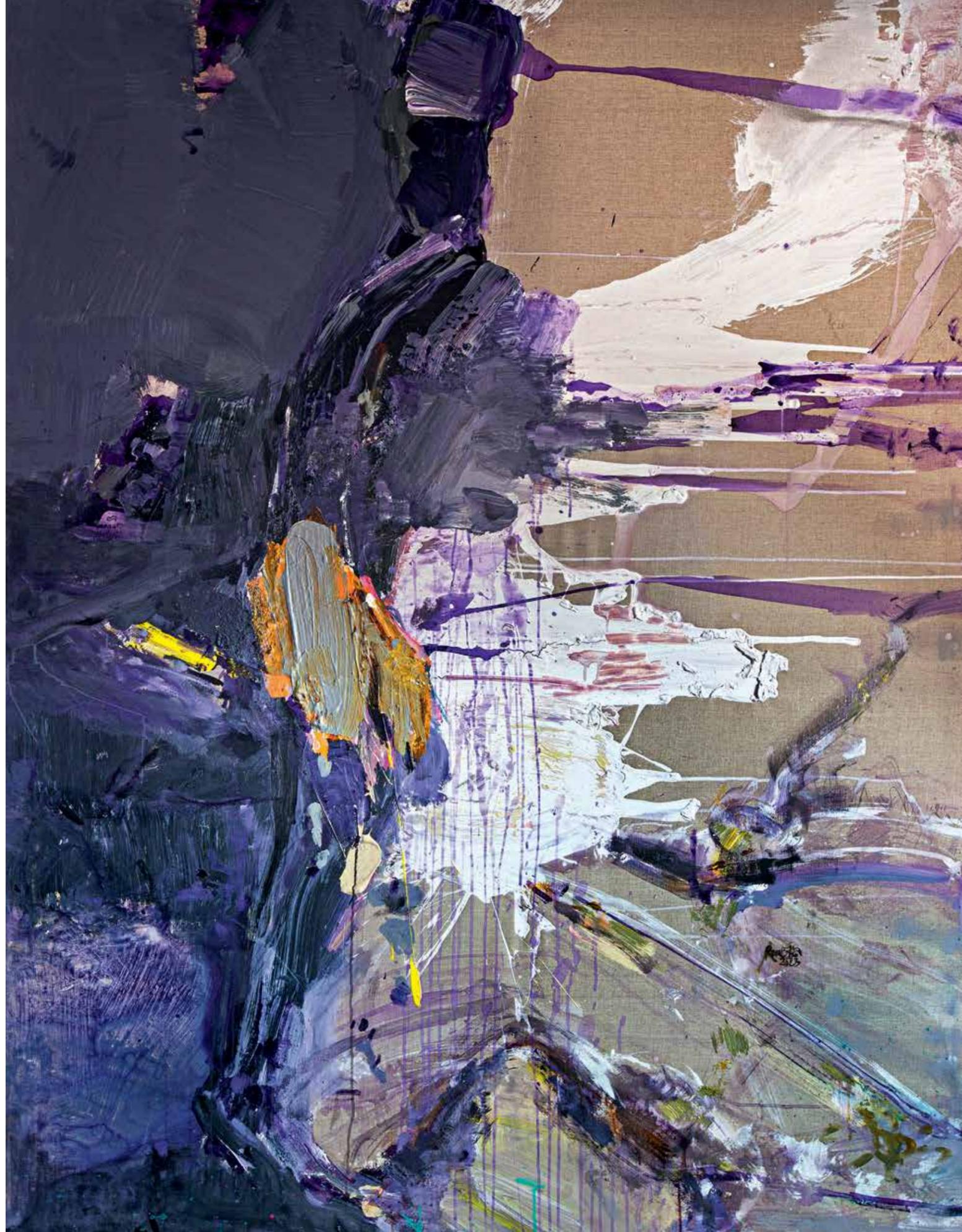
**O lamento de Kafka**  
**Kafka's lament**  
2023

"Outrora me escreveste que gostarias de estar sentada a meu lado, enquanto escrevo. Lembra-te, todavia, de que então eu não seria capaz de fazê-lo... Pois escrever significa abrir-se em demasia... **Por isso, não há nunca suficiente solidão ao redor de quem escreve; jamais o silêncio em torno de quem escreve será excessivo, e a própria noite não tem bastante duração.** Sendo assim, não pode jamais haver a nosso dispor o tempo adequado, visto que são extensas as distâncias e facilmente nos desviamos... Amiúde ventilei a ideia de que para mim o melhor regime seria encerrar-me, provido de uma lâmpada e dos utensílios necessários para escrever, no mais remoto fundo de um vasto porão chaveado. Trazer-me-iam a comida, porém sempre a colocariam no chão, atrás da porta mais externa, longe do lugar onde eu me encontrasse. A caminhada em busca dos alimentos, a percorrer, de roupão, todos os abobados recintos do subterrâneo, seria meu único passeio. Em seguida, voltaria à minha mesa, para comer lenta e circunspectamente. Logo após, tornaria a escrever. E que coisas escreveria assim! De que abismo não as arrancaria!"

Franz Kafka, *apud* Elias Canetti, *O outro processo: as cartas de Kafka a Felice*, trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988, pp. 43-4.

*"You once said you would like to sit beside me while I write. Listen, in that case I could not write... For writing means revealing oneself to excess... **This is why one can never be alone enough when one writes, why even night is not night enough.** This is why there is never enough time at one's disposal, for the roads are long and it is easy to go astray... I have often thought that the best mode of life for me would be to sit in the innermost room of a spacious locked cellar with my writing things and my lamp. Food would be brought and always put down far away from my room, outside the cellar outermost door. The walk to my food, in my dressing gown, through the vaulted cellars, would be my only exercise. I would then return to my table, eat slowly and with deliberation, then start writing at once. And how I would write! From what depths I would drag it up!"*

Franz Kafka, *apud* Elias Canetti, *Kafka's other trial: the letters to Felice*, trans. Christopher Middleton. New York: Schocken Books, 1969, p. 41.



**Diante da lei (F. Kafka)**  
**Before the law (F. Kafka)**  
2024

Diante da lei está um porteiro. Um homem do campo chega a esse porteiro e pede para entrar na lei. Mas o porteiro diz que agora não pode permitir-lhe a entrada. O homem do campo reflete e depois pergunta se então não pode entrar mais tarde.

— É possível — diz o porteiro. — Mas agora não.

(...)

O homem do campo não esperava tais dificuldades: a lei deve ser acessível a todos e a qualquer hora, pensa ele; agora, no entanto, ao examinar mais de perto o porteiro, com o seu casaco de pele, o grande nariz pontudo, a longa barba tártara, rala e preta, ele decide que é melhor aguardar até receber a permissão de entrada. O porteiro lhe dá um banquinho e deixa-o sentar-se ao lado da porta. Ali fica sentado dias e anos. (...)

Não obstante reconhece agora no escuro um brilho que irrompe inextinguível da porta da lei. Mas já não tem mais muito tempo de vida. Antes de morrer, todas as experiências daquele tempo convergem na sua cabeça para uma pergunta que até então não havia feito ao porteiro. (...)

— Todos aspiram à lei — diz o homem. — Como se explica que em tantos anos ninguém além de mim pediu para entrar?

O porteiro percebe que o homem já está no fim e para ainda alcançar sua audição em declínio ele berra:

**— Aqui ninguém mais podia ser admitido, pois esta entrada estava destinada só a você. Agora eu vou embora e fecho-a.**

Franz Kafka, "Diante da lei", in *Um médico rural: pequenas narrativas*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 41-6.

*Before the law stands a doorkeeper. A man from the country comes to this doorkeeper, and asks for admission to the law. But the doorkeeper says that he cannot grant him admission now. The man reflects, and then asks if he will therefore be permitted to enter later. "It is possible," the doorkeeper says, "but not now."*

(...)

*The man from the country had not expected such difficulties; the law is after all meant to be accessible to everybody at all times, he thinks, but now as he looks more closely at the doorkeeper in his fur coat, his large pointed nose and his long thin black Tatar beard, he decides that he would actually prefer to wait until he receives permission to enter. The doorkeeper gives him a stool and lets him sit to the side of the door. He sits there for days and for years. (...)*

*Throughout those many years the man observes the doorkeeper almost continuously. He forgets the other doorkeepers and this first one seems to him to be the only obstacle to his being admitted to the law. He curses this unlucky coincidence recklessly and loudly in the early years, and later as he grows old, simply mutters to himself.*

*"But everyone strives towards the law," the man said, "how is it that during those many years no one except for me requested admission?" The doorkeeper realizes that the man is nearing his end, and in order to reach his diminished hearing he roars at him:*

***"Nobody else could be admitted here since this entrance was intended for you alone. I shall go now and close it."***

Franz Kafka, *Selected Stories*, trans. Mark Harman. Cambridge: Harvard University Press, 2024.



**A metamorfose (F. Kafka)**  
**Metamorphosis (F. Kafka)**  
2024

**Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. (...)**

**— O que aconteceu comigo? — pensou.**

Não era um sonho. Seu quarto, um autêntico quarto humano, só que um pouco pequeno demais, permanecia calmo entre as quatro paredes bem conhecidas. Sobre a mesa, na qual se espalhava, desempacotado, um mostruário de tecidos — Samsa era caixeiro-viajante —, pendia a imagem que ele havia recortado fazia pouco tempo de uma revista ilustrada e colocado numa bela moldura dourada. Representava uma dama de chapéu de pele e boá de pele que, sentada em posição ereta, erguia ao encontro do espectador um pesado regalo também de pele, no qual desaparecia todo o seu antebraço.

Franz Kafka, *A metamorfose*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 7-8.

***As Gregor Samsa awoke one morning from uneasy dreams he found himself transformed in his bed into a gigantic insect. (...)***

***What has happened to me? he thought. It was no dream. His room, a regular human bedroom, only rather too small, lay quiet between the four familiar walls. Above the table on which a collection of cloth samples was unpacked and spread out—Samsa was a commercial traveler—hung the picture which he had recently cut out of an illustrated magazine and put into a pretty gilt frame.***

Franz Kafka, "The Metamorphosis", in *Collected Stories*, trans. Willa and Edwin Muir. New York: Knopf, 1993, p. 112.



**Retrato de F. Kafka**  
**Portrait of F. Kafka**  
2024

Você é a lição de casa. Por todos os lados, nenhum aluno.

Franz Kafka, aforismo 22, in *Aforismos reunidos*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 27.

Do adversário de verdade flui uma coragem sem limites para dentro de você.

Franz Kafka, aforismo 23, in *Aforismos reunidos*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 28.

Minha vida é monótona, transcorre cercada pela minha infelicidade congênita, por assim dizer tripartite. Se não consigo fazer nada, fico infeliz; se consigo, o tempo não é suficiente; e se espero pelo futuro, logo há o medo, o medo mais heterogêneo, de que exatamente então não conseguirei trabalhar. Um inferno muito bem calculado. Mas — e eis o ponto principal — ela não é sem bons momentos.

Franz Kafka, a Felice Bauer, 20 dez. 1916 (B3 280), *apud* Reiner Stach, *Kafka: os anos de discernimento*, trad. Claudia Abeling. São Paulo: Todavia, 2024, p. 173.

*You are the task. No pupil far and wide.*

Franz Kafka, in Reiner Stach (org.), *The Aphorisms of Franz Kafka*, trans. Shelley Frisch. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2022, p. 51.

*From the true opponent, boundless courage flows into you.*

Franz Kafka, in Reiner Stach (org.), *The Aphorisms of Franz Kafka*, trans. Shelley Frisch. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2022, p. 53.

*My life is monotonous and proceeds within the prison of my innate, as it were threefold misfortune. When I am unproductive I am unhappy; when I am productive there isn't enough time; and when I count on the future then at once there is the fear, a variety of fears, that I shall be more than ever unable to work. An exquisitely calculated hell. Yet — and this is the main point — not without its good moments.*

Franz Kafka, postcard (December 20, 1916), in *Letters to Felice*, trans. James Stern and Elisabeth Duckworth. New York: Schocken Books, 1973, p. 538.



**Um mensageiro imperial (F. Kafka)**  
**An imperial messenger (F. Kafka)**  
2024

O imperador — assim consta — enviou a você, o só, o súdito lastimável, a minúscula sombra refugiada na mais remota distância diante do sol imperial, exatamente a você o imperador enviou do leito de morte uma mensagem. Fez o mensageiro se ajoelhar ao pé da cama e segredou-lhe a mensagem no ouvido; estava tão empenhado nela que o mandou ainda repeti-la no seu próprio ouvido. Com um aceno de cabeça confirmou a exatidão do que tinha sido dito. E perante todos os que assistem à sua morte — todas as paredes que impedem a vista foram derrubadas e nas amplas escadarias que se lançam ao alto os grandes do reino formam um círculo —, perante todos eles o imperador despachou o mensageiro. Este se pôs imediatamente em marcha; é um homem robusto, infatigável; estendendo ora um, ora o outro braço, ele abre caminho na multidão; quando encontra resistência aponta para o peito onde está o símbolo do sol; avança fácil como nenhum outro. Mas a multidão é tão grande, suas moradas não têm fim. Fosse um campo livre que se abrisse, como ele voaria! — e certamente você logo ouviria a esplêndida batida dos seus punhos na porta. Ao invés disso porém — como são vãos os seus esforços; continua sempre forçando a passagem pelos aposentos do palácio mais interno; nunca irá ultrapassá-los; e se o conseguisse nada estaria ganho: teria de percorrer os pátios de ponta a ponta e depois dos pátios o segundo palácio que os circunda; e outra vez escadas e pátios; e novamente um palácio; e assim por diante, durante milênios; e se afinal ele se precipitasse do mais externo dos portões — mas isso não pode acontecer jamais, jamais — só então ele teria diante de si a cidade-sede, o centro do mundo, repleto da própria borra amontoada. **Aqui ninguém penetra; muito menos com a mensagem de um morto. — Você no entanto está sentado junto à janela e sonha com ela quando a noite chega.**

Franz Kafka, "Uma mensagem imperial", in *Um médico rural: pequenas narrativas*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 69-71.

Foi-lhes apresentada a opção de se tornarem reis ou mensageiros dos reis. À maneira das crianças, todos quiseram ser mensageiros. É por isso que existe um bando de mensageiros que correm pelo mundo e, uma vez que não há mais reis, bradam uns para os outros mensagens que perderam o sentido. Gostariam de pôr um fim à sua vida miserável, mas não ousam fazê-lo por causa do juramento de ofício.

Franz Kafka, aforismo 47, in *Aforismos reunidos*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 53.

*The Emperor — so they say — has sent a message, directly from his death bed, to you alone, his pathetic subject, a tiny shadow which has taken refuge at the furthest distance from the imperial sun. He ordered the herald to kneel down beside his bed and whispered the message in his ear. He thought it was so important that he had the herald speak it back to him. He confirmed the accuracy of verbal message by nodding his head. And in front of the entire crowd of those witnessing his death — all the obstructing walls have been broken down, and all the great ones of his empire are standing in a circle on the broad and high soaring flights of stairs—in front of all of them he dispatched his herald. The messenger started off at once, a powerful, tireless man. Sticking one arm out and then another, he makes his way through the crowd. If he runs into resistance, he points to his breast where there is a sign of the sun. So he moves forwards easily, unlike anyone else. But the crowd is so huge; its dwelling places are infinite. If there were an open field, how he would fly along, and soon you would hear the marvellous pounding of his fist on your door. But instead of that, how futile are all his efforts. He is still forcing his way through the private rooms of the innermost palace. Never will he win his way through. And if he did manage that, nothing would have been achieved. He would have to fight his way down the steps, and, if he managed to do that, nothing would have been achieved. He would have to stride through the courtyards, and after the courtyards through the second palace encircling the first, and, then again, through stairs and courtyards, and then, once again, a palace, and so on for thousands of years. And if he finally burst through the outermost door—but that can never, never happen—the royal capital city, the centre of the world, is still there in front of him, piled high and full of sediment. **No one pushes his way through here, certainly not someone with a message from a dead man. But you sit at your window and dream of that message when evening comes.***

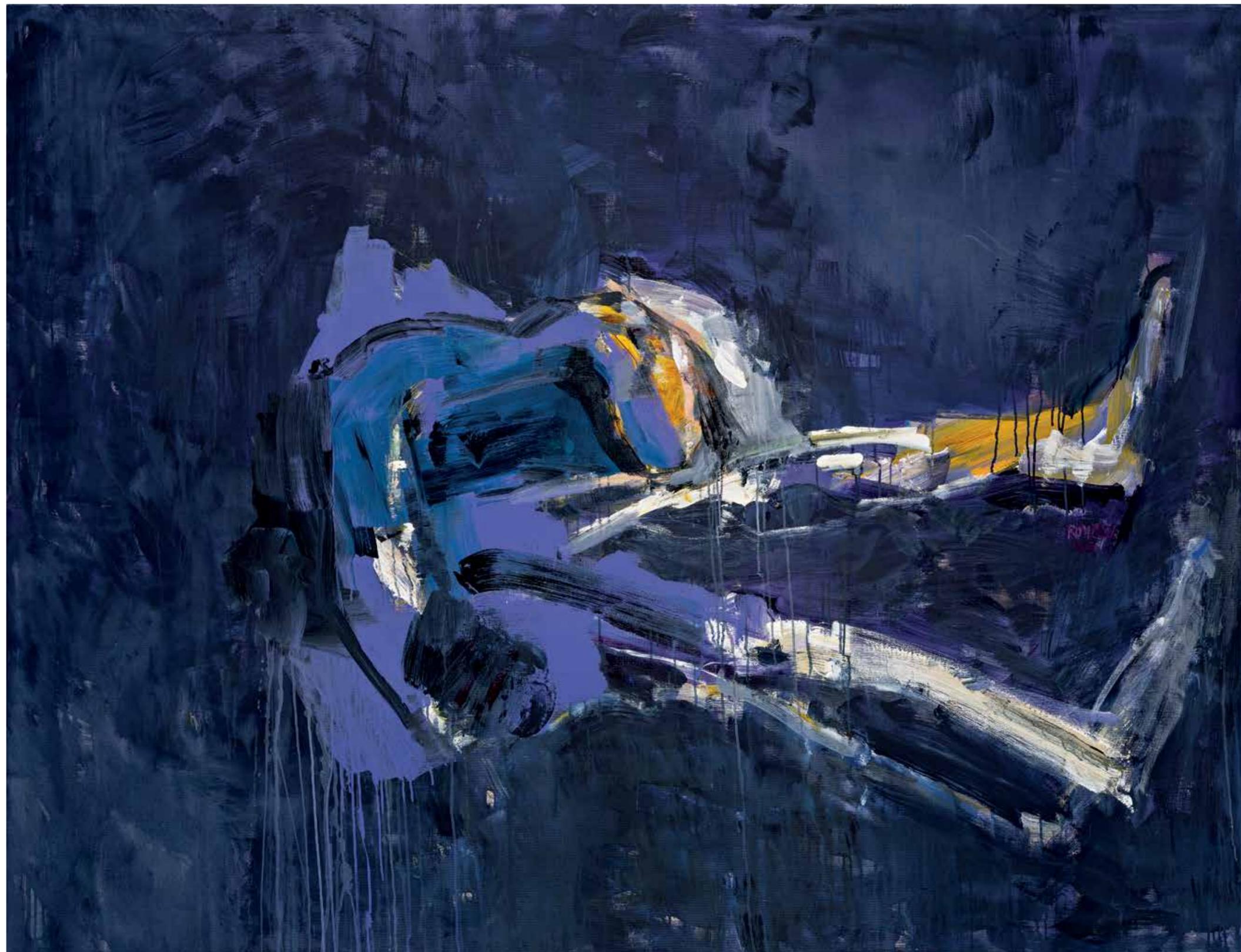
Franz Kafka, "An Imperial Message", in *Metamorphosis, A Hunger Artist, In the Penal Colony and Other Stories*, trans. Ian Johnston. Arlington: Richer Resource Publications, 2009.

*They were offered the choice between becoming kings or the couriers of kings. In the manner of children, they all wanted to be couriers. And so there are only couriers. They rush through the world and, as there are no kings, they shout their now-meaningless messages to one another. They would gladly put an end to their wretched lives, but don't dare to because of their oaths of service.*

Franz Kafka, in Reiner Stach (org.), *The Aphorisms of Franz Kafka*, trans. Shelley Frisch. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2022, p. 90.



Sobre a minha educação (F. Kafka) 1  
*About my upbringing (F. Kafka) 1*  
2024



**Sobre a minha educação (F. Kafka) 2**  
**About my upbringing (F. Kafka) 2**  
2024

(...) chego à conclusão de que, em certos aspectos, minha educação me causou prejuízo terrível. Nessa constatação embute-se uma recriminação a muitas pessoas. Entre elas incluem-se meus pais e parentes, certa cozinheira em particular, os professores, alguns escritores, famílias amigas, um professor de natação, habitantes de balneários, algumas damas no parque municipal das quais ninguém jamais suspeitaria, um barbeiro, uma mendiga, um timoneiro e o médico da família, além de muitas outras, e haveria outras mais, quisesse ou pudesse eu nomeá-las (...). **Poder-se-ia, portanto, pensar que, já diante de número tão grande de pessoas, qualquer recriminação perderia sua solidez, e teria necessariamente de perdê-la, porque uma recriminação não é um comandante de exército, ela só caminha em linha reta e não saberia se dividir.** Sobretudo nesse caso, em que a recriminação se volta contra gente do passado. Essas pessoas talvez se fixem na lembrança com uma energia esquecida (...).

Franz Kafka, *Diários: 1909-1923*, trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Todavia, 2021, p. 15.

*(...) I come to the conclusion that in some respects my education has done me terrible harm. There inheres in the recognition of this a reproach directed against a multitude of people. There are my parents and my relatives, a certain particular cook, my teachers, several writers—the love with which they harmed me makes their guilt even greater, for how much [good] they could have [done] me with their love—several families friendly with my family, a swimming teacher, natives of summer resorts, several ladies in the city park of whom this would not at all have been expected, a hairdresser, a beggarwoman, a helmsman, the family doctor, and many more besides; and there would be still more if I could and wanted to name them all (...).*

**Now one might think that these great numbers would make a reproach lose its firmness, that it would simply have to lose its firmness, because a reproach is not an army general, it just goes straight ahead and does not know how to distribute its forces. Especially in this case, when it is directed against persons in the past. Forgotten energy may hold these persons fast in memory (...).**

Franz Kafka, in Max Brod (org.), *The Diaries of Franz Kafka: 1910-1913*, trans. Joseph Kresh. New York: Schocken Books, 1948, pp. 19-20.



O lamento de Kafka  
Kafka's lament  
2024

Querido Pai:

Você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você. Como de costume, não soube responder, em parte justamente por causa do medo que tenho de você, em parte porque na motivação desse medo intervêm tantos pormenores, que mal poderia reuni-los numa fala. (...) (...)desfrutei de inteira liberdade para estudar o que queria, não precisei ter qualquer preocupação com o meu sustento e portanto nenhuma preocupação; em troca você não exigiu gratidão – você conhece a “gratidão dos filhos” – mas pelo menos alguma coisa de volta, algum sinal de simpatia; ao invés disso sempre me escondi de você, no meu quarto, com os meus livros, com amigos malucos, com ideias extravagantes, nunca falei abertamente com você, no templo não ficava a seu lado (...)aliás nunca tive sentido de família (...). **Se você fizesse um resumo do que pensa de mim, o resultado seria que na verdade não me censura de nada abertamente indecoroso ou mau (exceto talvez meu último projeto de casamento), mas sim de frieza, estranheza, ingratidão.** E de fato você me recrimina por isso como se fosse culpa minha, como se por acaso eu tivesse podido, com uma virada do volante, conduzir tudo para outra direção, ao passo que você não tem a mínima culpa, a não ser talvez o fato de ter sido bom demais para mim.

Franz Kafka, *Carta ao pai*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 7-8.

*Dearest Father, You asked me recently why I claim to be afraid of you. I did not know, as usual, how to answer, partly for the very reason that I am afraid of you, partly because an explanation of my fear would require more details than I could even begin to make coherent in speech (...) To you it seemed like this: you had worked hard your whole life, sacrificed everything for your children, particularly me, as a result I lived “like a lord”, had complete freedom to study whatever I wanted, knew where my next meal was coming from and therefore had no reason to worry about anything; for this you asked no gratitude, you know how children show their gratitude, but at least some kind cooperation, a sign of sympathy; instead I would always hide away from you in my room, buried in books, with crazy friends and eccentric ideas (...). **If you summarize your judgment of me, it is clear that you do not actually reproach me with anything really indecent or malicious (with the exception, perhaps, of my latest marriage plans), but rather with coldness, alienation, ingratitude.** And, what is more, you reproach me as if it were my fault, as if I might have been able to arrange everything differently with one simple change of direction, while you are not in the slightest to blame, except perhaps for having been too good to me.*

Franz Kafka, *Dearest Father*, trans. Hannah and Richard Stokes. Richmond, Alma Books, 2008, pp. 17-8.



**Descrição de uma fé**  
**Description of a faith**  
2024

Sendo assim, no quadragésimo dia eram abertas as portas da jaula coroadada de flores, uma plateia entusiasmada enchia o anfiteatro, uma banda militar tocava, dois médicos entravam na jaula para proceder às medições necessárias no artista da fome, os resultados eram anunciados à sala por um megafone e finalmente duas moças, felizes por terem sido as sorteadas, ajudavam o jejuador a sair da jaula, descendo com ele alguns degraus de escada até uma mesinha onde estava servida uma refeição de doente cuidadosamente selecionada. E neste momento o artista da fome sempre resistia.

Franz Kafka, "Um artista da fome", in *Um artista da fome & A construção*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 14.

*So on the fortieth day the flower-bedecked cage was opened, enthusiastic spectators filled the hall, a military band played, two doctors entered the cage to measure the results of the fast, which were announced through a megaphone, and finally two young ladies appeared, blissful at having been selected for the honor, to help the hunger artist down the few steps leading to a small table on which was spread a carefully chosen invalid repast. And at this very moment the artist always turned stubborn.*

Franz Kafka, "A Hunger Artist", trans. Willa and Edwin Muir, in Nahum N. Glatzer (ed.), *The Complete Stories*. New York: Schocken Books, 1971, p. 303.



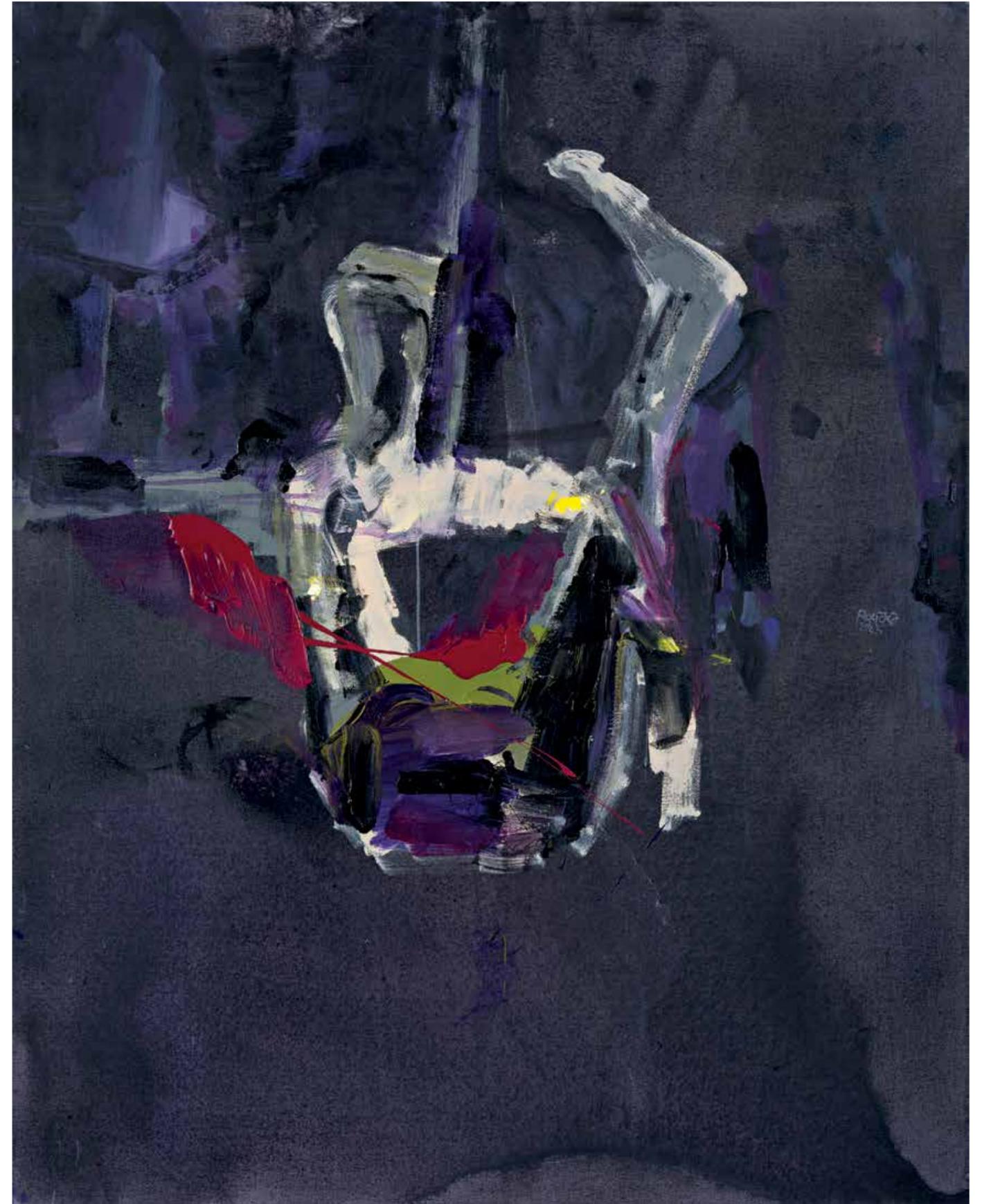
O agrimensor (F. Kafka – O castelo)  
Surveyor (F. Kafka – Castle)  
2024

— O que você está querendo? — disse a dona do albergue voltando rapidamente o corpo inteiro. — O senhor agrimensor me perguntou e eu tenho de responder. Como é que ele vai entender de outro modo aquilo que é óbvio para nós: que o senhor Klamm nunca irá falar com ele? O que estou dizendo? “Irá”... Ele não pode jamais falar com ele. Ouça, senhor agrimensor. O senhor Klamm é um senhor do castelo, por si só isso já significa uma posição muito elevada, independentemente do posto que ele possa ocupar. Mas o que é o senhor, que nos solicita aqui com tanta humildade permissão para se casar? **O senhor não é do castelo, o senhor não é da aldeia, o senhor não é nada. Infelizmente porém o senhor é alguma coisa, ou seja, um estranho, alguém que está sobrando e fica no meio do caminho, alguém que sempre causa aborrecimento, por cuja culpa é preciso desalojar as criadas, alguém cujas intenções são desconhecidas, que seduziu nossa querida Frieda e a quem infelizmente é preciso dá-la como mulher.**

Franz Kafka, *O castelo*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 61.

*“What do you mean?” cried K., emerging from a certain mood of abstraction, but aroused from it more by curiosity than by anger. “You owe it only to his carelessness,” repeated the landlady, pointing her forefinger at K. Frieda tried to mollify her. “What do you expect?” the landlady asked Frieda, with a swift turn of her whole body. “The land surveyor here has asked me a question, and I must answer him. How else is he to understand what we ourselves take for granted, which is that Mr Klamm will never speak to him—and why do I say ‘will’? He never can speak to him. Listen, sir, Mr Klamm is a gentleman from the castle, which in itself, quite apart from Klamm’s position in any other respect, means that he is of high rank. But what about you, whose agreement to marry Frieda we are so humbly soliciting here? **You’re not from the castle, you’re not from the village, you’re nothing. Unfortunately, however, you are a stranger, a superfluous person getting in everyone’s way, a man who is always causing trouble—why, the maids have had to move out of their room on your account—a man whose intentions are unknown, a man who has seduced dear little Frieda and whom, unfortunately, we must allow to marry her.**”*

Franz Kafka, *The Castle*, trans. Anthea Bell. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009, pp. 46-7.



**O tempo (Libido)**  
**The time (Libido)**  
2024

K. ficou impaciente e disse:

— A senhora mandou perguntar se eu já tinha outro lugar para morar.

— Mandei perguntar? — disse a dona do albergue. — Não, é um engano.

— Seu marido acaba de me perguntar isso.

— Acredito — disse a dona do albergue. — É uma rixa entre nós. **Quando eu não queria o senhor aqui, ele o reteve;**

**agora que estou feliz com o fato de o senhor estar morando aqui, ele o manda embora.** Ele sempre faz coisas assim.

— A senhora então — disse K. — mudou tanto sua opinião a meu respeito? Em uma, duas horas?

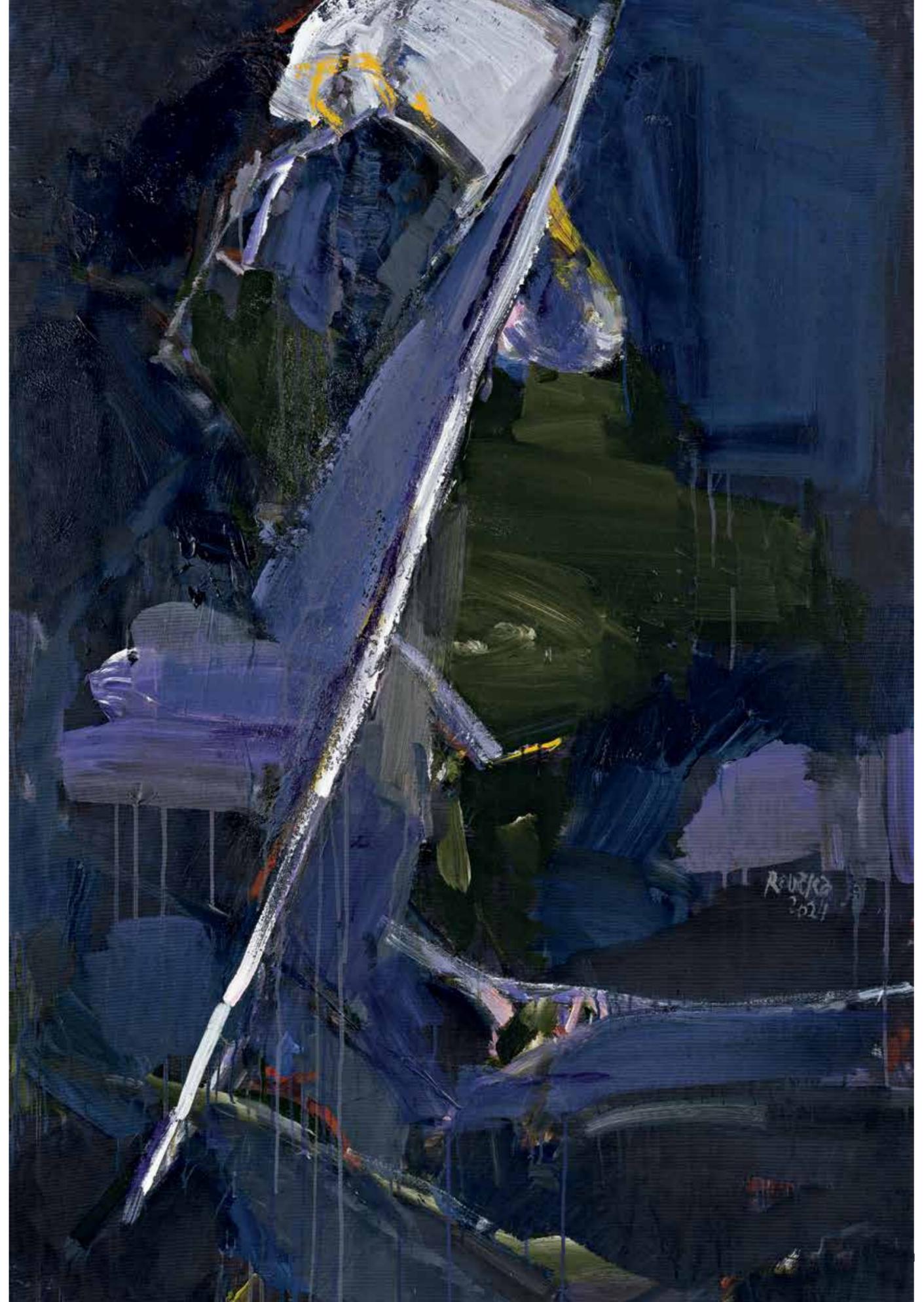
— Não mudei de opinião — disse a dona do albergue outra vez com a voz fraca. — Estenda-me a sua mão. Assim. E agora me prometa ser completamente honesto, eu também vou fazer o mesmo com o senhor.

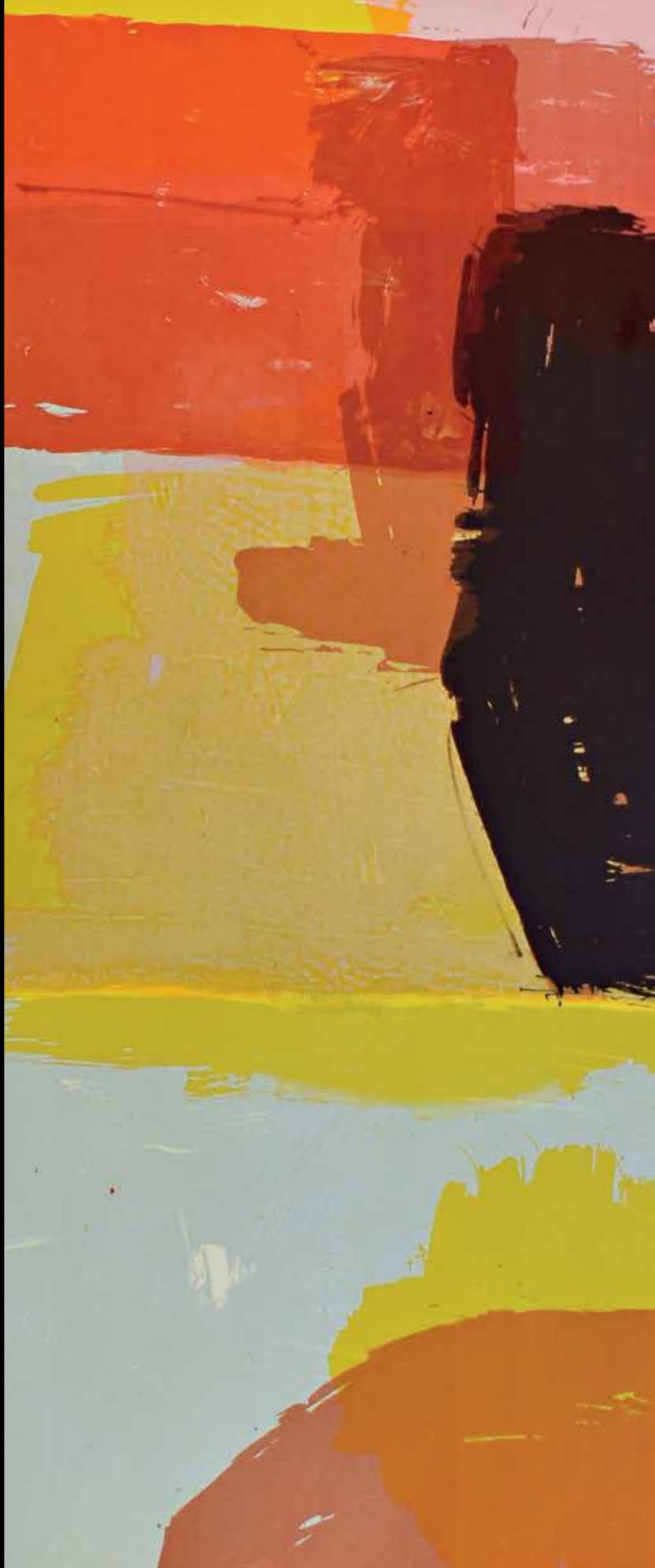
— Está bem — disse K. — Mas quem vai começar?

Franz Kafka, *O castelo*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 92.

*K. was getting impatient, and said: "Ma'am, you sent to ask if I had found other lodgings." "I sent to ask you that?" asked the landlady. "No, you're mistaken." "But your husband has just asked me." "I can believe that," said the landlady. "I've been at daggers drawn with him. **When I didn't want to have you staying here, he let you stay; now that I'm happy to have you here he's driving you away.** He's always doing that kind of thing." "Have you changed your mind about me so much," said K., "in just a couple of hours?" "I haven't changed my mind," said the landlady, sounding weaker again. "Give me your hand. There. And now promise to be perfectly frank with me, and I will be frank with you." "Good," said K. "Which of us is going to begin?"*

Franz Kafka, *The Castle*, trans. Anthea Bell. Oxford/New York: Oxford University Press, 2009, p. 70.



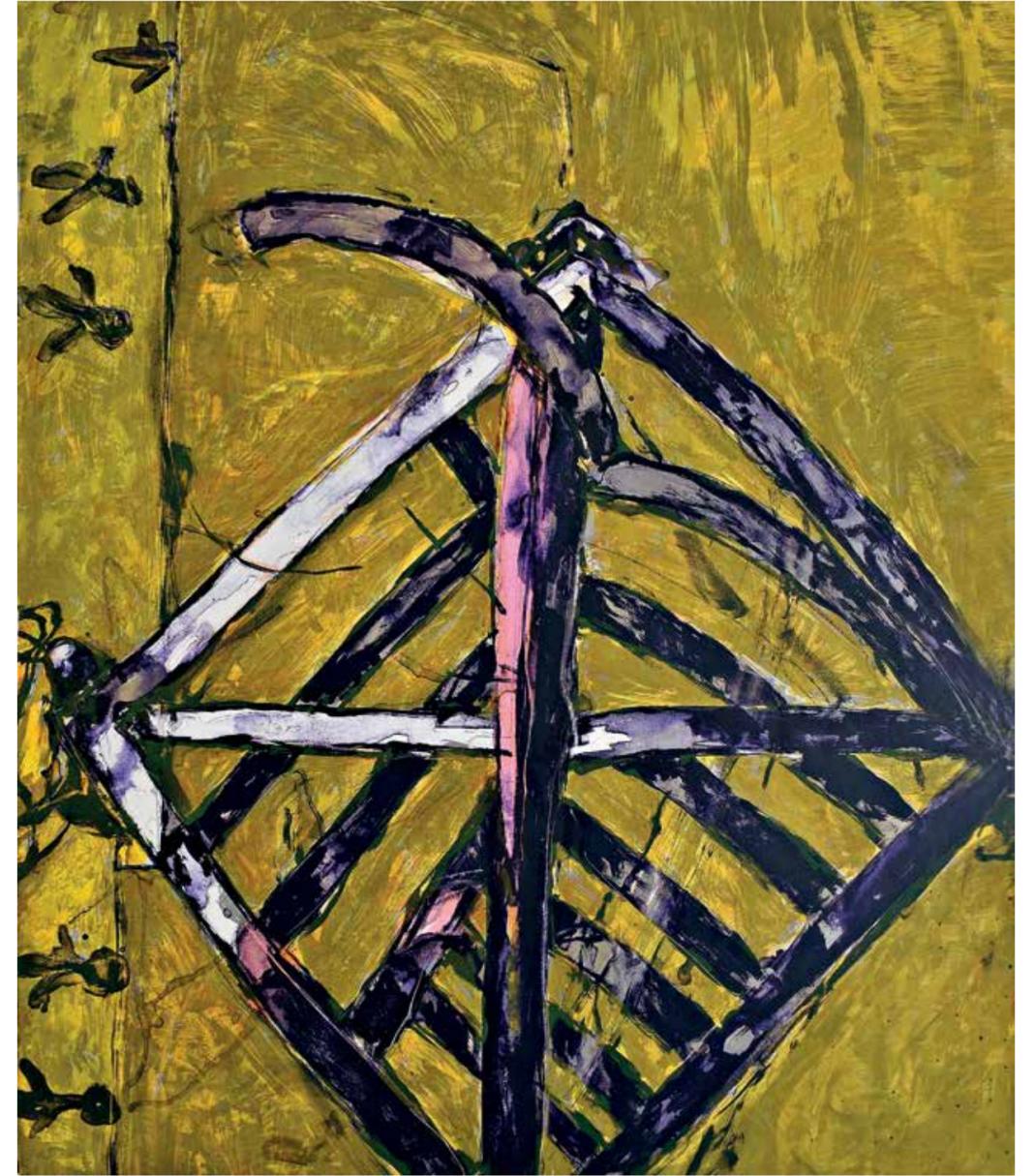


**ROUČKAFAK**  
KAFKA EM MOVIMENTO

**LITOGRAVURAS**  
LITHOGRAPHS



**Agrimensor K. 1 (F. K. - O castelo)**  
**Surveyor K. 1 (F. K. - Castle)**  
1991



**Agrimensor K. 2 (F. K. - O castelo)**  
**Surveyor K. 2 (F. K. - Castle)**  
1991

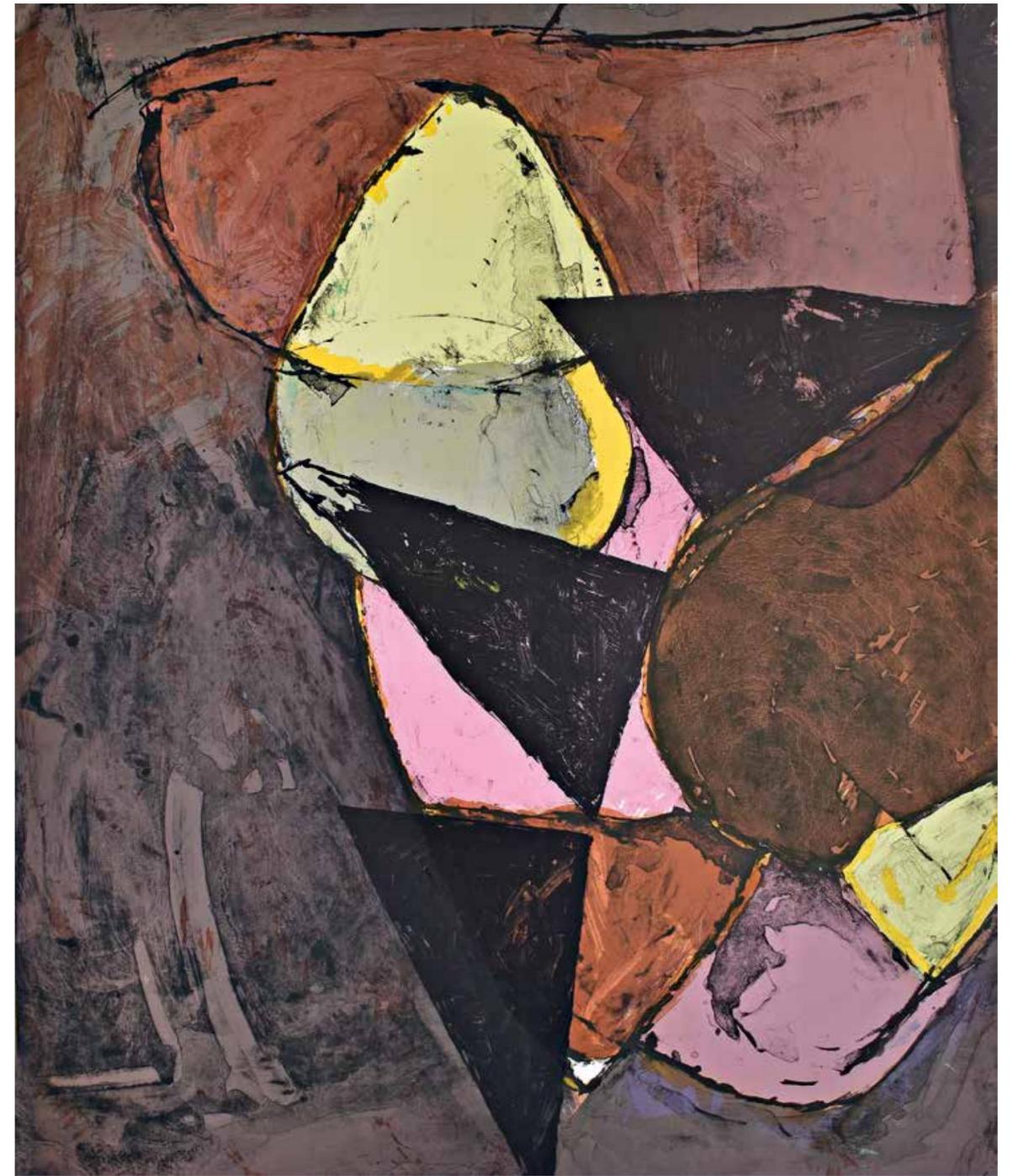


**Passando (F. Kafka - A próxima aldeia)**  
*Passing by (F. Kafka - The next village)*  
1992

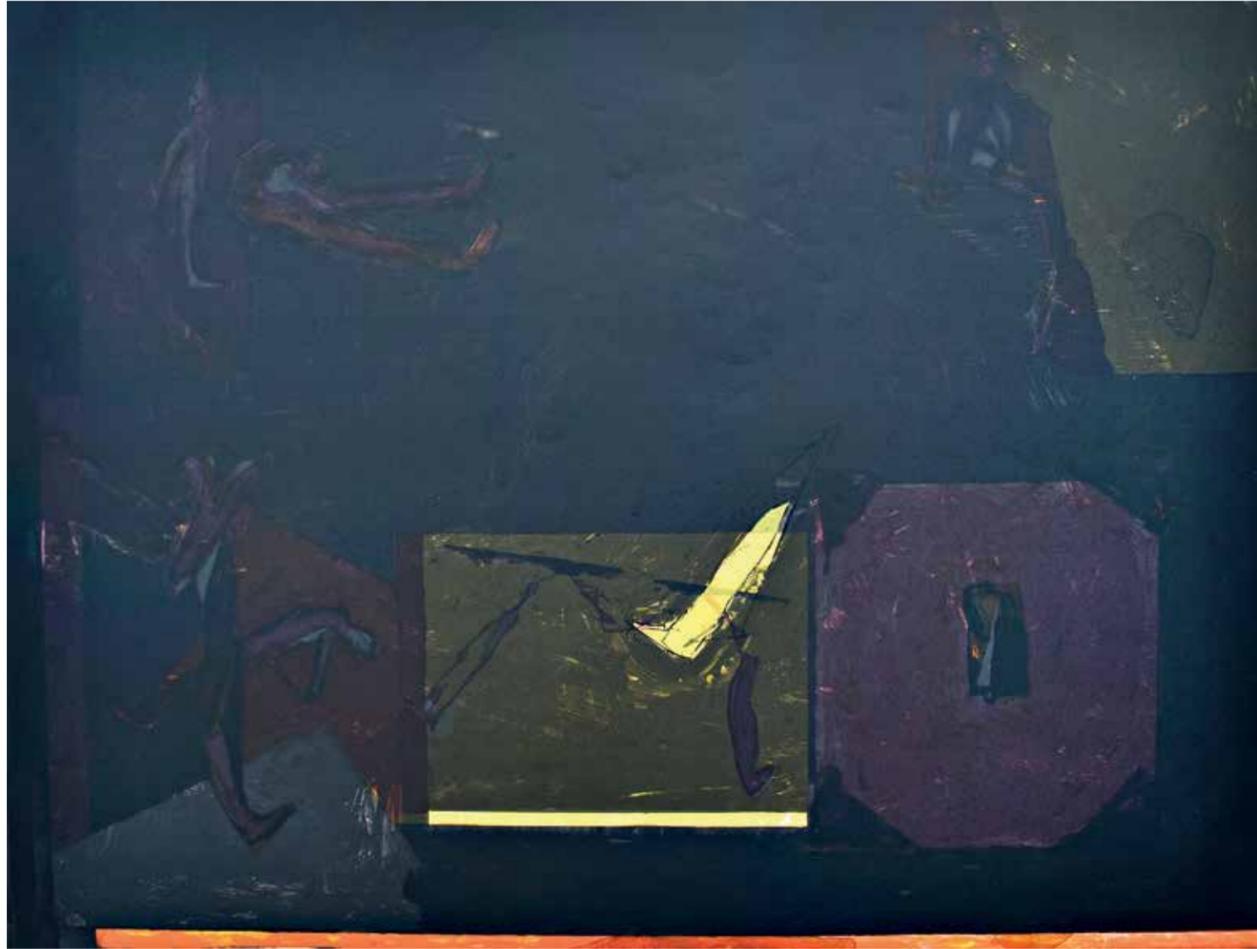
**Agrimensor K. 3 (F. K. - O castelo)**  
*Surveyor K. 3 (F. K. - Castle)*  
1991



**Figura vermelha (Agrimensor K.)**  
**Red figure (Surveyor K.)**  
1993



**Formas arredondadas**  
**Rounded shapes**  
1993



**Anábase (F. Kafka - A próxima aldeia)**  
**Anabasis (F. Kafka - The next village)**  
 1994

De certa maneira, tenho o privilégio de ver os fantasmas da noite não só no desamparo e na confiança bem-aventurada do sono, mas de encontrá-los também na realidade, em plena força da vigília e serena capacidade de julgamento. E descubro que, para mim, as coisas curiosamente não estão tão mal quanto muitas vezes acreditei e na certa vou acreditar quando descer minha morada. Nesse sentido, também em outro, mas em particular neste - tais excursões são verdadeiramente indispensáveis.

Franz Kafka, "A construção", in *Um artista da fome & A construção*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 41.

**A figura e o fundo**  
**The figure and the background**  
 1998



*I am privileged, as it were, not only to dream about the specters of the night in all the helplessness and blind trust of sleep, but also at the same time to confront them in actuality with the calm judgment of the fully awake. And strangely enough I discover that my situation is not so bad as I had often thought, and will probably think again, when I return to my house. In this connection - it may be in others too, but in this one especially - these excursions of mine are truly indispensable.*

Franz Kafka, "The Burrow", trans. Willa and Edwin Muir, in Nahum N. Glatzer (ed.), *The Complete Stories*. New York: Schocken Books, 1971, pp. 302-3.



**A próxima aldeia 1 (F. Kafka)**  
**The next village 1 (F. Kafka)**  
 1995

Meu avô costumava dizer: “A vida é espantosamente curta. Para mim ela agora se contrai tanto na lembrança que eu por exemplo quase não compreendo como um jovem pode resolver ir a cavalo à próxima aldeia sem temer que — totalmente descontados os incidentes desditosos — até o tempo de uma vida comum que transcorre feliz não seja nem de longe suficiente para uma cavalgada como essa”.

Franz Kafka, “A próxima aldeia”, in *Um médico rural: pequenas narrativas*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 67-8.



**A próxima aldeia 2 (F. Kafka)**  
**The next village 2 (F. Kafka)**  
 1995

*My grandfather used to say: “Life is astoundingly short. To me, looking back over it, life seems so foreshortened that I scarcely understand, for instance, how a young man can decide to ride over to the next village without being afraid that — not to mention accidents — even the span of a normal happy life may fall far short of the time needed for such a journey.”*

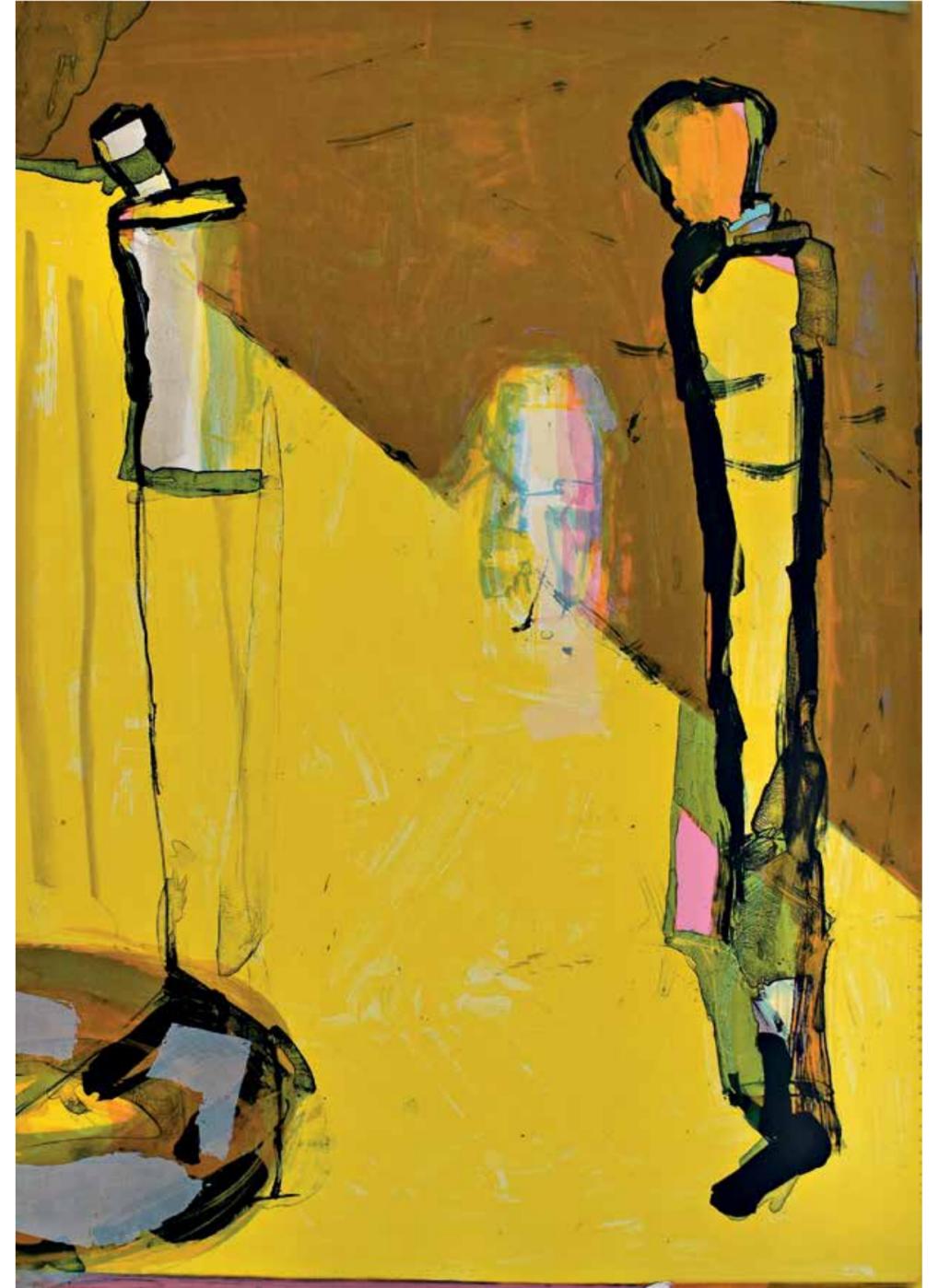
Franz Kafka, “The Next Village”, trans. Willa and Edwin Muir, in Nahum N. Glatzer (ed.), *The Complete Stories*. New York: Schocken Books, 1971, p. 440.



**A descrição de uma luta 1 (F. K.)**  
**The description of a struggle 1 (F. K.)**  
1998

Não existe um *ter*, somente um *ser* – apenas um ser que anseia pelo último alento, pela asfixia.

Franz Kafka, aforismo 35, in *Aforismos reunidos*, trad. Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 40.



*There is no having, only a being, only a being that yearns for its last breath, for suffocation.*

Franz Kafka, in Reiner Stach (org.), *The Aphorisms of Franz Kafka*, trans. Shelley Frisch. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2022, p. 70.

**A descrição de uma luta 2 (F. K.)**  
**The description of a struggle 2 (F. K.)**  
1998



**Agrimensor (Homem feliz)**  
**Surveyor (Happy man)**  
1998



**Campos 1**  
**Fields 1**  
2010



**Perspectiva**  
*Perspective*  
2010



**Campos 2**  
*Fields 2*  
2010



**O casal 1 (F. K.)**  
**The married couple 1 (F. K.)**  
 2012

K. estava sentado ali de olhos abertos, vidrados, inchados, disponíveis apenas para aquele minuto, inclinado para a frente, trêmulo, como se alguém o agarrasse ou lhe batesse na nuca, o lábio inferior, na verdade, o maxilar inferior com as gengivas completamente expostas, pendia inconstruível, o rosto inteiro havia saído dos trilhos; ele ainda respirava, mesmo que pesadamente, mas então caiu para trás contra o espaldar da cadeira como se estivesse se libertando, cerrou os olhos, a expressão de algum grande esforço ainda perpassou seu rosto, e então tudo se acabou. (...)

Eu me despedi às pressas em seguida, quase me senti agradecido para com o agente; sem sua presença, eu não teria

tido determinação suficiente para ir embora já àquela hora. Na antessala, ainda encontrei a senhora K. Ao ver sua figura miserável, disse em pensamentos comigo mesmo que ela me lembrava um pouco minha mãe. E, uma vez que ela ficou parada, acrescentei em voz alta: — Seja lá o que for que se pode dizer sobre isso: ela era capaz de fazer milagres. O que nós destruíamos, ela recuperava. Eu a perdi quando era criança.

Franz Kafka, "O casal", in *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*, trad. Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 60-1.



**O casal 2 (F. K.)**  
**The married couple 2 (F. K.)**  
 2012

*N. sat with wide-open, glassy, bulging eyes, which seemed on the point of falling; he was trembling and his body was bent forward as if someone were holding him down or striking him on the shoulders; his lower lip, indeed the lower jaw itself with the exposed gums, hung down helplessly; his whole face seemed out of joint; he still breathed, though with difficulty; but then, as if released, he fell back against the back of his chair, closed his eyes, the mark of some great strain passed over his face and vanished, and all was over. (...)*

*I said goodbye as soon as I could, I felt almost grateful to the agent; if he had not been there I would not have had the resolution to leave so soon*

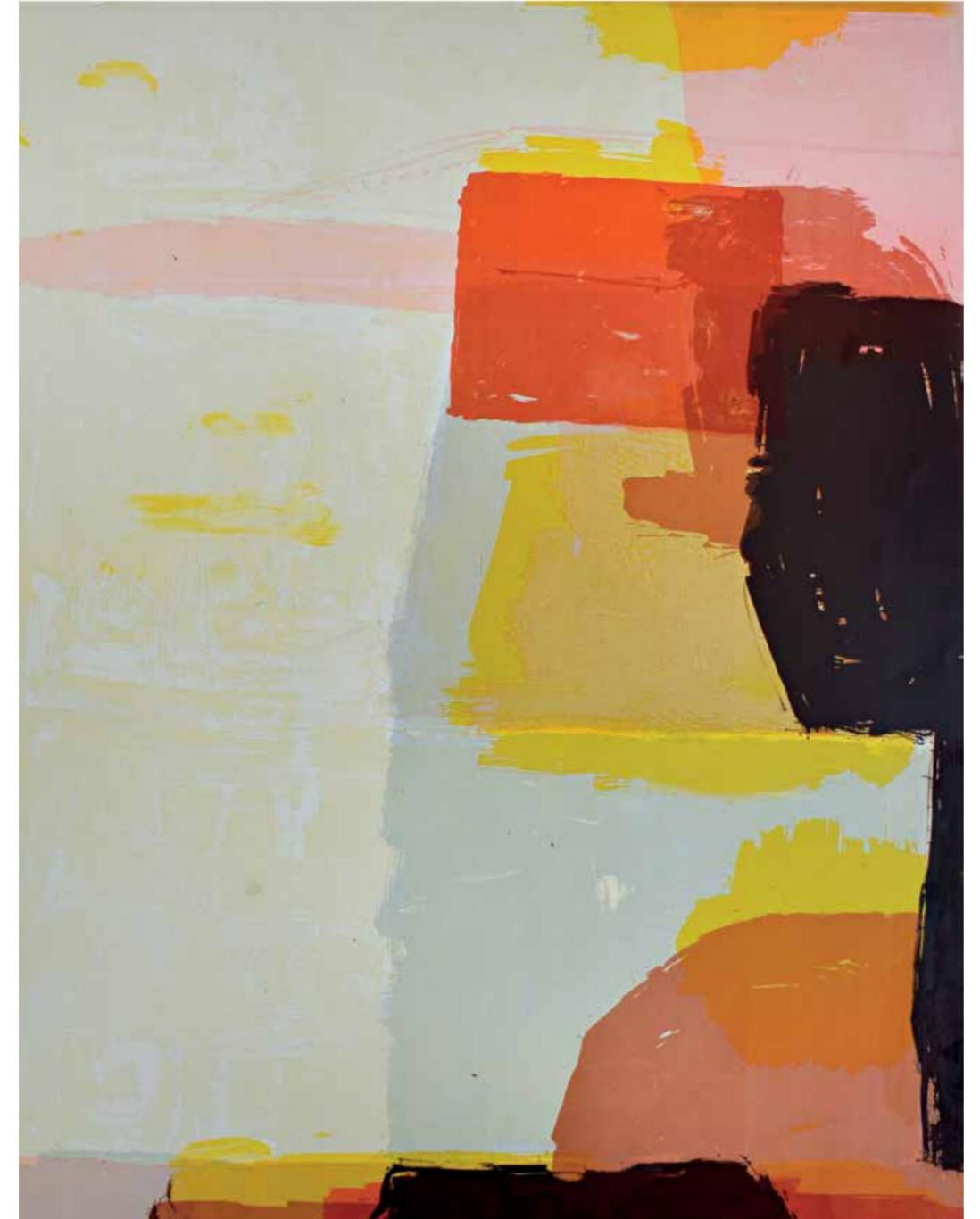
*In the lobby I met Frau N. again. At the sight of that pathetic figure I said impulsively that she reminded me a little of my mother. And as she remained silent I added:*

*"Whatever people say, she could do wonders. Things that we destroyed she could make whole again. I lost her when I was still a child."*

Franz Kafka, "The Married Couple", trans. Willa and Edwin Muir, in Nahum N. Glatzer (ed.), *The Complete Stories*. New York: Schocken Books, 1971, pp. 503-4.



**Duas formas arredondadas 1**  
*Two rounded shapes 1*  
2012



**Duas formas arredondadas 2**  
*Two rounded shapes 2*  
2012

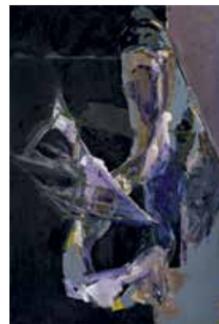
# ÍNDICE DAS OBRAS WORKS INDEX

## PINTURAS | ACRÍLICO SOBRE TELA\* PAINTINGS | ACRYLIC ON CANVAS\*



**Frieda (F. Kafka - O castelo)**  
1989-2024  
Acrílico sobre madeira compensada  
120 x 180 cm  
p. 45

**Frieda (F. Kafka - Castle)**  
1989-2024  
Acrylic on plywood  
120 x 180 cm  
p. 45



**O agrimensor (F. Kafka - O castelo)**  
1989-2024  
Acrílico sobre madeira compensada  
120 x 180 cm  
p. 47

**Surveyor (F. Kafka - Castle)**  
1989-2024  
Acrylic on plywood  
120 x 180 cm  
p. 47



**Os dois assistentes do agrimensor K. (F. Kafka - O castelo)**  
2013  
140 x 180 cm  
p. 49

**Two assistants of the surveyor K. (F. Kafka - Castle)**  
2013  
140 x 180 cm  
p. 49



**Gruta (Ermitério de Francisco de Assis, Porciúncula)**  
2015  
160 X 200 cm  
p. 51

**Grotto (Hermitage of Franziskus d'Assisi, Porziunkola)**  
2015  
160 X 200 cm  
p. 51



**Algumas figuras frente a frente**  
2016  
120 x 180 cm  
p. 53

**Some figures across each other**  
2016  
120 x 180 cm  
p. 53



**Criança sobretudo**  
2018  
160 x 180 cm  
p. 55

**Kid over all**  
2018  
160 x 180 cm  
p. 55



**F. K. em Veneza**  
2019  
160 x 200 cm  
p. 57

**F. K. in Venezia**  
2019  
160 x 200 cm  
p. 57



**Sobre o agrimensor K. (Esperma dos dias)**  
2022  
160 x 210 cm  
p. 59

**About the surveyor K. (Sperm of the Days)**  
2022  
160 x 210 cm  
p. 59



**Homem feliz 1**  
2022  
160 x 210 cm  
p. 61

**Happy man 1**  
2022  
160 x 210 cm  
p. 61



**Homem feliz 2**  
2022  
200 x 160 cm  
p. 62-3

**Happy man 2**  
2022  
200 x 160 cm  
p. 62-3



**Cabeça deitada (F. K.)**  
2023  
160 x 210 cm  
p. 65

**Head lying down (F. K.)**  
2023  
160 x 210 cm  
p. 65



**Menina feliz (Frieda) F. Kafka 1**  
2023  
100 x 150 cm  
p. 67

**Happy girl (Frieda) F. Kafka 1**  
2023  
100 x 150 cm  
p. 67



**Menina feliz (Frieda) F. Kafka 2**  
2023  
100 x 150 cm  
p. 69

**Happy girl (Frieda) F. Kafka 2**  
2023  
100 x 150 cm  
p. 69



**O lamento de Kafka**  
2023  
160 x 210 cm  
p. 71

**Kafka's lament**  
2023  
160 x 210 cm  
p. 71



**Diante da lei (F. Kafka)**  
2024  
160 x 210 cm  
p. 73

**Before the law (F. Kafka)**  
2024  
160 x 210 cm  
p. 73

\* Exceto onde indicado / except where indicated



**A metamorphose  
(F. Kafka)**  
2024  
160 x 210 cm  
p. 75

**Metamorphosis  
(F. Kafka)**  
2024  
160 x 210 cm  
p. 75



**Retrato de  
F. Kafka**  
2024  
120 x 180 cm  
p. 77

**Portrait of  
F. Kafka**  
2024  
120 x 180 cm  
p. 77



**Um mensageiro  
imperial (F. Kafka)**  
2024  
160 x 210 cm  
p. 79

**An imperial messenger  
(F. Kafka)**  
2024  
160 x 210 cm  
p. 79



**Sobre a minha educação (F. Kafka) 1**  
2024  
210 x 160 cm  
p. 80-1

**About my upbringing (F. Kafka) 1**  
2024  
210 x 160 cm  
p. 80-1



**Sobre a minha  
educação (F. Kafka) 2**  
2024  
160 x 210 cm  
p. 83

**About my upbringing  
(F. Kafka) 2**  
2024  
160 x 210 cm  
p. 83



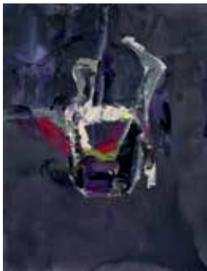
**O lamento de Kafka**  
2024  
120 x 180 cm  
p. 85

**Kafka's lament**  
2024  
120 x 180 cm  
p. 85



**Descrição de uma fé**  
2024  
160 x 200 cm  
p. 87

**Description of a faith**  
2024  
160 x 200 cm  
p. 87



**O agrimensor  
(F. Kafka - O castelo)**  
2024  
140 x 180 cm  
p. 89

**Surveyor  
(F. Kafka - Castle)**  
2024  
140 x 180 cm  
p. 89



**O tempo (Libido)**  
2024  
100 x 150 cm  
p. 91

**The time (Libido)**  
2024  
100 x 150 cm  
p. 91

## LITOGRAVURAS | IMPRESSÃO SOBRE PAPEL LITHOGRAPHS | PRINTED ON PAPER



**Agrimensor K. 1  
(F. K. - O castelo)**  
1991  
61,8 x 79,5 cm  
p. 94

**Surveyor K. 1  
(F. K. - Castle)**  
1991  
61,8 x 79,5 cm  
p. 94



**Agrimensor K. 2  
(F. K. - O castelo)**  
1991  
61,5 x 79,4 cm  
p. 95

**Surveyor K. 2  
(F. K. - Castle)**  
1991  
61,5 x 79,4 cm  
p. 95



**Agrimensor K. 3  
(F. K. - O castelo)**  
1991  
61,9 x 79,3 cm  
p. 96

**Surveyor K. 3  
(F. K. - Castle)**  
1991  
61,9 x 79,3 cm  
p. 96



**Passando (F. Kafka  
- A próxima aldeia)**  
1992  
79,3 x 62,7 cm  
p. 97

**Passing by (F. Kafka  
- The next village)**  
1992  
79,3 x 62,7 cm  
p. 97



**Figura vermelha  
(Agrimensor K.)**  
1993  
61,7 x 78,8 cm  
p. 98

**Red figure  
(Surveyor K.)**  
1993  
61,7 x 78,8 cm  
p. 98



**Formas arredondadas**  
1993  
63 x 79,1 cm  
p. 99

**Rounded shapes**  
1993  
63 x 79,1 cm  
p. 99



**Anábise (F. Kafka -  
A próxima aldeia)**  
1994  
78,2 x 64,7 cm  
p. 100

**Anabasis (F. Kafka  
- The next village)**  
1994  
78,2 x 64,7 cm  
p. 100



**A figura e o fundo**  
1998  
48,4 x 67,4 cm  
p. 101

**The figure and  
the background**  
1998  
48,4 x 67,4 cm  
p. 101



**A próxima aldeia 1  
(F. Kafka)**  
1995  
80,8 x 70,3 cm  
p. 102

**The next village 1  
(F. Kafka)**  
1995  
80,8 x 70,3 cm  
p. 102



**A próxima aldeia 2  
(F. Kafka)**  
1995  
80,6 x 70,2 cm  
p. 103

**The next village 2  
(F. Kafka)**  
1995  
80,6 x 70,2 cm  
p. 103



**A descrição de uma luta 1 (F. K.)**  
1998  
47,9 x 66,5 cm  
p. 104



**A descrição de uma luta 2 (F. K.)**  
1998  
47,5 x 68,8 cm  
p. 105



**Agrimensor (Homem feliz)**  
1998  
48,3 x 67,5 cm  
p. 106



**Campos 1**  
2010  
70,1 x 92,5 cm  
p. 107



**Perspectiva**  
2010  
70,1 x 92,4 cm  
p. 108

**The description of a struggle 1 (F. K.)**  
1998  
47,9 x 66,5 cm  
p. 104

**The description of a struggle 2 (F.K.)**  
1998  
47,5 x 68,8 cm  
p. 105

**Surveyor (Happy man)**  
1998  
48,3 x 67,5 cm  
p. 106

**Fields 1**  
2010  
70,1 x 92,5 cm  
p. 107

**Perspective**  
2010  
70,1 x 92,4 cm  
p. 108



**Campos 2**  
2010  
70,1 x 92,4 cm  
p. 109



**O casal 1 (F. K.)**  
2012  
85,3 x 70 cm  
p. 110



**O casal 2 (F. K.)**  
2012  
85,3 x 70 cm  
p. 111



**Duas formas arredondadas 1**  
2012  
63,2 x 80 cm  
p. 112



**Duas formas arredondadas 2**  
2012  
60,9 x 79,1 cm  
p. 113

**Fields 2**  
2010  
70,1 x 92,4 cm  
p. 109

**The married couple 1 (F.K)**  
2012  
85,3 x 70 cm  
p. 110

**The married couple 2 (F.K)**  
2012  
85,3 x 70 cm  
p. 111

**Two rounded shapes 1**  
2012  
63,2 x 80 cm  
p. 112

**Two rounded shapes 2**  
2012  
60,9 x 79,1 cm  
p. 113

# FICHA TÉCNICA

## CREDITS

### Coordenação Geral | *General Coordination*

Clóvis Arruda  
Margarete Regina Chiarella

### Produção | *Production*

Terra à Vista

### Produção Executiva | *Executive Production*

Arte Projetos MRC

### Arquitetura | *Architecture*

Transborda Produção e Arte

### Projeto Luminotécnico | *Lighting Design*

Dalton Camargos

### Acessibilidade | *Accessibility*

James Wanderson Ramos Junior

### Produção | *Production*

Transborda Produção e Arte | Virgínia Manfrinato  
e Luiza Coelho Dias | Girassol Produções Artísticas

### Montagem | *Assembly*

C2 MONTAGEM

### Montagem de Luz | *Lighting Setup*

Highlight Iluminação

### Consultoria Técnica | *Technical Consultancy*

Consultoria técnica: Anna Lucia Marcondes  
Acompanhamento: Triade

### Curadoria Literária | *Literary Curation*

Pablo Gonçalo

### Identidade Visual | *Visual Identity*

Fajardo Ranzini Design | Arthur Fajardo e Claudia Ranzini

### Web Designer | *Web Designer*

Cassiano Belluco

### Coordenação e gestão de mídia | *Media*

### *Coordination and Management*

BRP Mídia

### Redatora | *Copywriting*

Auana Editora

### Edição de Textos-português | *Text Editing-Portuguese*

Bibiana Leme

### Tradução Português-Inglês | *Translation Portuguese-English*

Giovana Marchese

### Tradução Tcheco-Português | *Translation Czech-Portuguese*

Klára Bachurková

### Consultoria – Ação Educativa | *Consultancy – Educational Action*

Renata Sant’Anna

### Fotografia | *Photography*

Bruno Borges de Castro e Paulo Munhoz | Exposição (*Exhibition*)  
Jan Zachariáš | Obras (*Works*)  
Martin Suchánek (fineartstudio.cz) | Pavel Roučka  
Dominio Público (*Public Domain*) | Franz Kafka (p. 27)

### Edição de Vídeo | *Video Editing*

Studio Monumental | Paulo Munhoz

### Programação | *Programmer*

Marcelo Chiarella

### Jurídico | *Legal Advisor*

Dr. Edmilson Armellei

### Apoio Administrativo | *Administrative Support*

Ronaldo Aparecido Antonio dos Santos

### Administrador Financeiro | *Financial Administrator*

PLANCONT Assessoria Contábil e Empresarial

### Transporte | *Transportation*

ArtBrasil Logística e Transportes Especializados

### Gráfica | *Printing*

Hawaii

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roučka : Kafka em movimento : Roučka : Kafka  
in motion / organizadores Clóvis Arruda,  
Margarete Regina Chiarella ; tradutores  
Klára Bachurková, Giovana Marchese. –  
São Paulo : Terra à Vista, 2025.

Edição bilingue: português/inglês.  
ISBN 978-65-986325-0-2

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos  
2. Brasil - Relações - República Tcheca  
3. Comparação intercultural 4. Kafka, Franz,  
1883-1924 - Crítica e interpretação I. Arruda,  
Clóvis. II. Chiarella, Margarete Regina.  
III. Título: Roučka : Kafka in motion.

25-254675

CDD-730

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 730  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# AGRADECIMENTOS

## SPECIAL THANKS TO

Adam Roučka  
Banco do Brasil  
Bianca Crepaldi  
Camila Uemura Ribeiro do Val Lundberg  
Daniela Flejšarová  
Eduardo Ercolin  
Fábio Luiz Munhoz Mazzaro  
Filip Vavřínek  
Jan Havrlik  
Laudemar Gonçalves de Aguiar Neto  
Maria Cristina Emiliano  
Maria da Glória Sandoval Arruda  
Mirian Tereza Gomes  
Nilson May  
Paulo Chuc  
Pavel Roučka  
Pavel Šára  
Pavla Havlíková  
Renata Vargas Aulicino  
Roberto Thomas Arruda  
Rodrigo Gutenberg  
Salus Loch  
Tersandro Vilela



Este catálogo foi composto  
na fonte Barlow e impresso  
em papel Couché Fosco  
Design 170g/m<sup>2</sup>  
na gráfica Hawaii  
em fevereiro/2025.



Coordenação geral



Apoio



Embaixada da República Tcheca  
em Brasília



Realização

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

